Pessoal d'Arrelia

2

João do Canto

Pessoal d'Arrelia

Que tenho eu com isto?

Em commemoração ao 32.º anniversario
d'*A Provincia do Pará*

PARÁ—BELÉM
Secção de Obras d'*A Provincia do Pará*
23, Travessa Campos Salles, 23
1907

DUAS LINHAS

O Pessoal d'Arrelia e *Que tenho eu com isto?* são leves chronicas por mim publicadas, aos domingos, n'**A Provincia do Pará**, o glorioso diario de que um fado complacente ou galhofeiro me fez infimo redactor.

... Mas o que eu pretendo affirmar aos que se arrojarem ao supplicio da leitura d'estas paginas idiotas — é que taes chronicas fôram por mim bordadas (que coisa!) em torno de casos e assumptos absolutamente reaes.

É isto.

João do Santo.

Este livro de Ludovico Lins tem o caracter imprevisto de uma exotica originalidade: a tecetura engenhosa dos dizeres do povo com bizarras idéas palpitantes de analyse, tudo engenhado á maneira comica de França Junior, numa expressão humoristica, que chamarei regional. Não é um livro que obedeça a um plano preconcebido, mas entretanto homogeneo pela natureza propria do assumpto tratado, integro pela sua vernaculidade e sobretudo deleitoso pelo bom-humor sadío, que todo elle transpira. Fallece-lhe o delineamento largo e solenne das obras d'arte definitivas; mas flue também nas suas paginas uma tão sincera despretenção que produz no espirito do leitor a mesma fascinação mysteriosa das flôres apparentemente inodoras nas pituitarias sensiveis e requintadas.

Escripto por um artista de fina tempera, palpita-lhe de onde em onde, na cuidada estructura, um conceito philosophico, que é a simples reflexão de Ludovico sobre a logica das cousas, o capricho dos acasos e a harmonia dos contrastes, regendo sempre, tyrannicamente, a vida na sua orbita de fatalidade.

Este grande escriptor ainda novo é triste por temperamento e pessimista por consequencia.

Na sua voz de um accento grave ha como que a expressão hieratica e soberba dos seus desesperos espirituaes, das luctas intimas da sua indole para se adaptar esquerdamente á sordida mediocridade contemporanea, em que domina esse utilitarismo grosseiro, um como triste prenuncio do crepusculo do mundo. Parece que se acabaram esses venturosos tempos de outr'ora, em que o homem de espirito pairava sobre tudo tal como, na época do cahos, o Espirito de Deus pairava sobre as aguas.

Ludovico, arredío, soturno e fingidamente abstracto como é, ensimesma-se por uma concentração intensissima da vontade, para escapar ás influencias amargas e esterilizantes do meio e vive retrospectivamente no esplendor d'essas edades remotas.

Quando o aguilhão da vida o desperta dentre os nimbos do sonho, onde se queda, escapam-se-lhe da bocca lívida os sarcasmos galantes, que são as apostrophes dos poetas. Heine respondia com um terno sorriso de dôr ás invectivas do seu destino e com uma scintillação irisada de *humour* ás crúas perfidias do seu amor.

Ludovico pertence a essa estirpe phosphorecente dos humoristas. Elle descende em linha recta de Petronio e Juvenal e tem sobre esses archiavós illustres a

vantagem dupla de uma lingoa mais plastica e uma arte poetica evoluida.

Sim, porque o auctor d'este livro se define um grande poeta na magistral eurythmia da sua prosa, a expressão intellectual mais acabada e cujos segredos subtilissimos só se deixam totalmente possuir pelos vates, esses videntes metaphisicos, que trazem comsigo a intuição clara de todos os rythmos, a inspiração de todas as musas: os dons olympicos da poesia.

Este prosador musical só podia ser um magno poeta e o é verdadeiramente, porque, além das illuminações do seu estro, concerta na sua theorba de trovador o bordão zumbente da satyra. E' o Caran d'Ache da metrica, o Gavarni do soneto. Isto ficou superiormente comprovado no seu livro sem par no Brazil e Portugal, *Os Perfis,* onde figuro orgulhosamente, recortado na minha esdruxula personalidade pelo buril satanico de Ludovico, na synthese luminosa de quatorze versos. Esse grande livrinho de trinta paginas faria num centro culto, onde fosse uma utilidade a arte sáfara de escrever, o renome imperecivel de um publicista, tal é a feição inconfundivel da sua originalidade e a magnificencia da execução litteraria.

Mas Ludovico é ainda o auctor da *Hora-Morta*, um livro bizarro á maneira de Corbiére; e eu propositadamente lhe enumero toda a obra para tornar bem

inutil a minha grotesca presença no portico d'este volume. Que direito me assiste a mim, um rombo jornalista de curtas lettras, para esta arenga mal engendrada a proposito de um tão emerito escriptor, que secundaria a Maximo Gorki, como psychologo dos desclassificados, se dispuzesse de algum repouso para architectura e acabamento de uma obra mais pensada e de mais largos planos?

—O direito correspondente ao dever de obediencia, a que me dispuz, perante as ordens affectuosas de Ludovico, que é um dos despotas do meu coração. Já se vê que accedi contrafeito ao pedido honroso de prefaciar este livro, que só por isto se deslustraria, se o não amparasse o nome do seu auctor; e para que me não arguam as pessôas sensatas de intromettido e philaucioso, penitencio-me da culpa involuntaria, antes que alguém me pergunte ao modo classico de Ludovico, para fugir á responsabilidade dos seus commentarios: *que tenho eu com isto?*

Carlos D. Fernandes.

I

E' enlinhado pelos indissoluveis o sr. João de Barros. Tres pimpolhos sadios e traquinas enchem-lhe de adoraveis absurdos o recatado tugurio onde jámais escassearam a alegria e o pirão, graças aos bons figados do casal e a um bello quadro a oleo — *A ceia de Jesus* — pendente d'uma das paredes claras do compartimento da boia.

Além dos tres pirralhos supra, o sr. Barros teve a gostosa ventura de ver sua digna prole augmentada um d'estes dias com o nascimento d'uma interessante creança, como dizem os jornaes.

Ora, o sr. Barros nunca foi parteiro, e suas habilidades culinarias em tempo algum attingiram ao tempero d'um gallinaceo ou a um pirão escaldado, de suruhy; depois, a cavação da vida não lhe permittia uns tantos desvelos delicados junto da carissima costella, recolhida a seu canto, desfeita em zelos carinhosos pelo pagão, um roseo e boleado bebé, que, de vez em quando, a exigir mammas apojadas, botava a bocca no mundo — *cuen . . . cuen . . . cuen . . .*

Estava mal de sorte o homem, e já fazia lamentações varias, tostando, de vez em vez, com vocabulos quentes, o coiro das amigas de sua metade,—umas azarentas, que só serviam para pedir as coisas por emprestimo e falar da vida alheia,—quando entrou pela porta a dentro, como coisa providencial, a Maria Joaquina, vizinha do sr. Barros, uma pequena faceira e experta, que foi chegando e dizendo:

—P'ra cuidá da dona, inquanto ella tivé no resguardo do descanço.

Barros deu um pulo, já de carranca desfeita,—contente como um japiim.

D'ahi a pouco, Maria Joaquina estava iniciada em todos os *quifazeres* na casa, e o digno homem, envergando o rodaque, sahia á vida, cantarolando o *caranguejo*, *d'O Tacacá.*

Lá pelas tantas, voltou para pegar a boia.

Foi nessa occasião que o diabo começou a tentar o sr. Barros.

Grelando attentamente para Maria, emquanto ella dispunha pela mesa uns quitutes rescendentes, Barros sentiu uma porção de coisas exquisitas fazerem-lhe um reboliço por dentro.

Seu festejado appetite mudou logo de rumos e de origens, isto é, voou do guizado com quiabos e do bife com batatas loiras para os arredondados rijos da mocinha—um *churrasco!*—e elle ficou longos minutos p'r'alli, na preguiçosa, mergulhado em scismas.

Só deu accordo de si quando a garrula pequena, muito risonha, rouxinolou:

—P'r'o sinhô i já, seu Barro, qui a comida tá sifriando.

O Barros muito mal *avançou*, debicando um boccadinho aqui, outro alli,— todo embevecido nos torneados de Maria, que, entretanto, *nem mode coisa . . .*

D'ahi em deante, deu o Barros inicio a um bruto pé de alferes, com todas as regras referidas no novo methodo.

A principio, Maria arreliou-se com o Barros: —Qui não fusse apresentado, deixasse de inxirimento cum ella, sinão dizia á dona e ia-s'imbora.

Mas o Barros que, pelo geito, é enfarinhado nessas complicadas coisas de conquistas, não se deu por achado e, de perlenga em perlenga, cada qual mais cheia de assucar, convenceu a pequena de que devia zarpar com elle para Manaus, aonde iriam fazer ninho num esplendido palacio que, a julgar pelas rodelas do homemzinho, devia ser assim á feição d'aquelle do sr. Antonio Nobre,—todo de lapislazzuli e coral, com installações electricas, etc., etc.

Maria, deslumbrada, abalou. A estas horas, lá se vão o Barros e a futura princeza em demanda da terra dos Barés . . . emquanto a pobre senhora, desamparada alli p'r'um canto, maguas carpindo, acalenta chorosa o bebé rosado, que, de vez em quando, a exigir mammas apojadas, bota a bocca no mundo—*cuen* . . . *cuen* . . . *cuen* . . .

Ah, capro Barros, com que transporte d'alma tua ex-cara metade não te contemplaria hoje, sabbado de Judas, jungido a uma bananeira e, ao repique festivo da alleluia, perna p'r'aqui, perna p'rà lá, braço p'r'aqui, braço p'r'acolá, —todo estraçalhado pelo molecorio exultante! . . . .

II

Ao pisar esta formosa terra,—maltrapilho e escorraçado pela sêcca feroz do seu sertão, onde vira estorricar ao sol, com desprezo solenne dos urubús, a derradeira cria do anno,—Manoel Gregorio apenas trazia comsigo fundas saudades de Maria Ritta e a sua chorosa *Patativa*, o pinho mais famoso e querido nos sambas do Aracaty.

Manoel Gregorio, com as suas indescriptiveis pantalonas, o seu velho chapéo de coiro e a sua inseparavel *Patativa* a tiracollo, deu logo no gotto da garotada e, antes de chegar ao Ver-o-Peso, «tomando sentoma do paiz», não teve outro remedio senão estacar, cerca d'aquelles bons animaes, uns a reclamarem insistentemente: — Tóque ua coisinha, seu chefe! — e outros, os mais rebarbativos, a guincharem-lhe quasi nas bitaculas: — Tio bimba! Eh, chapéo de côro!

Gregorio, calado e triste, afinou amorosamente a viola, e, d'ahi a pouco, reinava pesado silencio no auditorio, imposto pela *Patativa* a vibrar toda num *bahiano* repenicado e dengoso...

O tocador foi applaudido.

Mal, porém, ensaiou o gesto humilde de apresentar o seu chapéo de coiro áquella enthusiasmada gente, todo o seu auditorio abalou num carreirão preto, ás gaitadas e assobios.

Foi assim a estréa de Manoel Gregorio nesta magnifica terra de Santa Maria de Belém.

Mas o tocador, atreito a todas as capricornices da sorte, nem ligou ao caso, e hontem, pela manhã, lá estava elle, ao canto da Villa-Téta, sentado no passeio, de *Patativa* á unha, cantando:

Eu não tróco a *Patativa*
nem pru muié de barão,
pruque d'este pinho véio
já conheço o coração.

A sodade tem ispinho
quando é sodade de amô:
tanto dóe no bem ozente
cuma no bem que ficô;
Maria Ritta é mimosa
mai do qu'um beija fulôôôô...

Vi no má ondias bravia,
vi o podê qui Deus tem
e vi o céo istrellado
no fundo do má tambem;
só não vi nessas belleza
foi os óio de meu béééém...

Ao gemer o cantador a syllaba final d'este ultimo verso, arrastando-a muito no tom maguado das cantigas sertanejas, o Chico Berimbau, destacando-se do grupo de curioso s,approximou-se de Gregorio:

—Isso é cantoria ou incommendação de defuncto? Rrrraque!

Gregorio continuou:

Não é custume de gente,
é custume de muié,
onde nunca foi chamada
vim mettê sua cuiéééé...

(Applausos do auditorio).

Chico Berimbau:—Voçê só conta bróca é nessa viola, seu cumpade. Eu quero vê o bicho, mas porém é no berimbau. Rrrraque!

Gregorio:

Quando Christo fez o mundo,
não foi tudo dua veis,
criou gente, criou burro,
cada quá cum sua leis,
e tambem p'r'os tratamento
fez sinhores e vocêêêês...

(Palmas do auditorio).

Chico Berimbau:—Inda qui má lhe progunte: de que seltão você é, cabra dos diabo? Rrrraque!...

—Sô d'ua terra damnada
qui é mais ruim qui o Piancó,
onde faca não tem pena
nem bacamarte tem dó:
quando um cabra vae p'r'a cova,
leva tres, já não vae sóóóó...

—Tá se vendo mesmo pulo teu ôio qui você não é bôa bisca... Mas não tóca-berimbau. Tá hi. Rrrraque!

—Não seio se é rezão minha,
mas porém não digo mau:
no meu tempo era só preto
qui tocava berimbau,
bebendo na cuia cheia
cachaça cum mé de paaau...

—Vocé é bruto! Rrrraque!

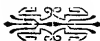
ZÉ BOTIJA:—Home, você já tá cuspindo muito fóra do caco! Vá você cum seu birimbau lá p'r'a casa do cão, e deixe nós aperciá o cantadô.

—Sarta, coruja, qu'eu sô altista! Rrrraque!

JOÃO VARETA:—Não póde insurtá o altista na sceença d'elle! Tá incommodado, mude-se!

—Bravissimo! Rrrraque!

Dois partidos logo se formaram: um do Gregorio, outro do Chico Berimbau, e choveu murro!

Infelizmente, quem sahiu mal do turumbamba foi o conspicuo cantador, que viu em estilhas a sua adorada *Patativa*, o pinho mais famoso e querido nos sambas do Aracaty.

III

DESDE o dia do cirio, o Joaquim Eufrasio se enrabichou cegamente pela Joanna Coati, mulata liró, de barbadas ventas e o ai, Jesus! da rapaziada pachola da Villa-Téta.

Eufrasio enrabichou-se e, apesar de Joanna Coati lhe observar oitenta vezes que «de cabra ruim já lhe abastava o damnado do Zé Raposo», — o amorudo christão 'fez ouvido de kagado aos dizeres algo sensatos da mulata, e onde Joanna estacava, ahi pulava elle, retorcendo a bigodeira encalamistrada e exhibindo a dentuça de cavallo, espontada a capricho.

Chegou mesmo a perseguir Coati com dichotes pelludos, a ponto de fazel-a escamar-se toda e, desmanchando a linha faceira, o insultar escandalosamente no mercadinho da Villa:

— O'i, seu coió sem sólte, eu já lhe dixe, lá no arraiá, qui de cabra ruim abastava seu Zé Raposo. Se você fô p'ra diente ca sua afumentação, não arrespondo pulas suas venta!

— Antão tu pensa, meu bem, qui eu tenho sobrôço de cobra de cipó? Quando o teu

aquelle quizé, qui se atire p'ra vê o bom e o gostoso. Mais essa!

—Apois fique sabendo qui eu conto! E não quero mais lambança. Charuto cumigo, ixe!

Coati não teve o trabalho de levar a novidade ao «seu home». A' curta distancia, encostado ao balcão do açougueiro Chico Braz, o Zé Raposo ouvira a perlenga e, ligeiro como um gato escaldado, pulou deante do Eufrasio, escorando-se no quiri:

—Antão você não tem medo de cobra de cipó, hein, seu traste? O'i, eu fiz ua jura de tão cedo não dá birrada em ninguem; pru isso, é mió qui você abaixe a cabeça e vá andando pruque antão não tem premessa, não tem nada, e tanto apanha você cuma essa pirua, tá uvindo?

—Tô uvindo, sim, e adispois?

—Adispois, é pau!

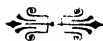
Eufrasio soltou uma gaitada:

—E' cada bicho fumacento nesta Villa-Téta!...

E nada mais disse, porqne a *birrada* do Zé Raposo é o que se póde chamar uma coisa séria.

Depois, gente muita levantando poeira pela Independencia afóra, emquanto Joanna Coati, arrastando uma aza derreada no sarilho, bradava cinzenta de ira:

—Diabo leve a muié dama qui véve cum esses camumbembe!

IV

Por entre retumbantes trovoadas de applausos e acclamações, o velho Severino Gomes assumiu a presidencia da Sociedade Beneficente da Livre Crença Popular.

—Meus senhores e cidadões! Na entreves-p'ra do Natá, quando eu dixe no Canto da Viração qui um dia a Sociadade Beneficente da Livre Crencia Populá havera de sê nóugurada, muitos de vocês qu'istão ahi assentado abriro a bocca—*quá, quá, quá!*—e se riro de minha rezão. E agora aqui'stão tudo, e só quem fô um cabra muito ordenaro póde nesse momento solennes da nóuguração duvidá do meu seguinte.

Senhores e cidadões! A gente não arcança nada no mundo sem fazê finca-pé e intimá nas suas condição pela força de vontade, e assim já escreveu um ingrez chamado... chamado... *(lendo no punho da camisa)* chamado Xavié Ismilho, qui é concordio cum o continente arreferido...

—Muito bem! Prefeitamente.

... e adispois, se não fô assim, meus se-

nhores e cidadões, todo o machinismo desintreza, fica ua peça p'r'aqui, ua roda p'r'acolá, e vae tudo de agua abaixo, ou antão é cumo os verso de um poeta chamado Cazimirio de Abreu, qui diz:

> Tudo é mentira insacrilejos vão:
> Mente os beijo de cheirosa bocca,
> mente os aperto da sodosa mão.

— Bravos, seu chefe!

– Agora, é perciso contá as basea da sociadade, pruque ainda hai muita gente inorante por ahi.

As basea da sociadade é: premero: — A potrecção de todos para o porguesso das crassea e da patria brasileira.

— Faz favô de arrepeti esse pedacinho, seu chefe?

— Meu amigo, isso aqui não é reloge de arrepetição. Eu quero é todo o insilencio!

Segundo fim da sociadade: — Sahi no premero e derradero dia de carnavá no cordão da Crencia Populá, co'o reis e as dama da côrte. O reis do cordão sô eu. O tercero fim é os istatuto qui eu allumeio p'ra fazê: o Chico Perêra, Antonho Mulatinho e Zé Quitole.

— Não póde sê, seu chefe, pruque nos semo nalphabetico.

— Não faz má; hai muita sociadada por ahi onde quasi tudo é nalphabetico, mas tem istatuto; prutanto, é fazê, e se não quizé, rua!

Agora, a urtima e principá basea da sociadade: — Cada um tem de cahi cum 5$ mensá p'r'os cofre e p'r'o cordão...

— Não será sargado, seu chefe?

— Eu não seio se é sargado: o qui seio é qui o causo tá arresorvido: 5$ mensá, e quem não fô concordio, a porta da rua é sélventia da casa. E ainda tem mais: quem arrecebe

sô eu: sô o thisoureiro. *(Protestos vehementes).*
—Não póde sê. E' perciso premeiro fazê inleição!
—Não tem inleição; eu sô o thisoureiro, pruque a idéa da sociadade foi minha.
—Peço a palavra p'ra dizê ua coisa...
—Não tem palavra ninguem! Eu sô o presidente d'esta joça, sô arrecebedô do arame e sô o reis do cordão...
—D'aqui a pouco você qué sê tambem as dama da côrte!
—As dama é do sexo firminino. E eu não quero é deboche!
—Eu peço a palavra p'ra dizê que seu chefe não póde sê thisoureiro sem se fazê premeiro a inleição.
—Apoiado! Muito bem!
—Viva a rezão do Zé Cósmo!
—Insilencio!
—Não póde sê arrecebedô!
—Apois fique sabendo qui sô eu, e quem não pagá dereito, púla fóra qui é siviço.
—Apois também ninguem paga! *(Apoiados geraes, muitas palmas, muitos berros).* (Tal qual a tribu dos bocós com o mestre Ruy)
—Insilencio!
—Não se paga!
—Não se paga pruque, canaia safada?
Ahi, impondo silencio ao pessoal exaltadissimo e poisando a canella de veado no braço da cadeira, se ergueu solennemente o Nicolau Foguista:
—Eu não pago, seu chefe, e sabe pruque é?
—Não póde falá sem minha orde!
—No mundo não hai quem me improhiba de falá, fique sabendo, hein?
—Apoiado! Muito bem! Deixe o home dizê a rezão d'elle!
—Apois antão, desembuche logo co'os diabo!
—Eu quiria é dizê que não pago os 5$ a você, pruque seio que o meu arame tá pir-

dido: você é gatuno, e essa histora de sociadade é conto de vigaro.

—Gatuno é tua mãe, cachaceiro do diabo!

—E' a tua, unha de gato! Fio de muié militriz!

VOZES:—Não póde insurtá! Isso não é de leis!

—Eu não insurto só não! Se havê nuve, eu metto é o pau!

Duvidaram, e o Nicolau, como um diabo doido, cresceu para o pessoal e mandou lenha.

Foi por isso que morreu na casca a Sociedade Beneficente da Livre Crença Popular.

V

Joanna Gregoria da Trindade Cunha,
filha da velha Mandubim Torrado,
havia tempo seus olhinhos punha
na cara gorda do Joaquim Pintado.

Joaquim Pintado é um latagão d'estoiro,
com quem se fala de chapeu na mão.
Não se lhe toca no sensivel coiro
sem ficar zonzo de *bolachas,* não!

No gole avança como um damnadinho,
no *azeite* é bicho de tenencia e d'arte;
e, ás noites bellas, ao chorar do pinho,
é forte, é dunga no *Quizera amar-te*...

E, além *das moda* que elle geme e canta,
tem outra goga o triumphal marau—
—Joaquim Pintado tambem pinta a manta,
tambem dá letra no—*Maneiro pau.*

Após um *bailes* no *chateau* do *aquelle,*
Pintado achou Joanna Gregoria *aquella.*
E vae Gregoria se lambeu por elle,
e vae Pintado se lambeu por ella.

Passado um dia, elle escreveu: «Quirida,
sempre acardita no meu grande amô».
E ella: —«Apois sabis que eu não sou fingida
se Tu fô farço é de morrê de dô».

Estava o bruto do chamego feito
e, desde logo, se introzou safado,
dentro de casa, sem nenhum respeito
á pobre velha Mandubim Torrado.

De instante a instante, palavrinhas ternas
se derretendo por alli — mingau —
e seu Pintado sacudindo as pernas
no geito airoso do... *Maneiro pau.*

***

Perdeu, por fim, a velha a tramontana
e disse p'r'o Joaquim:
— Seu Pintado, afinar, se não me engana,
o sinhô anda assim
a mode de quem qué nhá fia Joanna
p'ra coisa muito ruim!

Joaquim teve um fortissimo pigarro,
puxou tres fumaçadas ao cigarro,
olhou Gregoria, encallistada e linda,
e um passo lesto para a frente dando,
á cara da velhinha foi berrando:
—« Quizera amar-te, mas não posso ainda...»

Da velha a beiçola bamba
quasi roça pelo chão;
pois era demais — caramba!
o desplante do ladrão!

Mandubim, num turumbamba,
não corre de gente, não:
Ceará *véia* não camba
quando tem sua *rezão.*

Dando um pulo para um lado,
o olhinho acceso e damnado,
a venta accesa também:

pegou firme num sapato
e investiu para o mulato,
— valente como ninguem.

Não é de pomba o coração cinzento
d'aquelle grande bruto.
Pintado faiscou,
tremeu, rugiu e, arripiando a juba,
ergueu aos caibros a massaranduba
e a paulada arriou;
o golpe foi violento,
mesmo no cocuruto,
da velha Mandubim, que estrellas viu
e, logo zonza, tropicou, cahiu.

Cahiu na quinta e só falou na sexta,
mas em delirio, a bracejar, de pé:
—«Você só brinca, seu charuto besta,
você só brinca pruqu'eu sô muié»

*
* *

Hontem andavam os tres,
n'uma tiorga medonha,
pelo largo das Mercês...

*
* *

Que povinho sem vergonha!

*
* *

Joanna e Pintado vivem bem, aparte
tremendas luctas pelo *nicolau*...
Mas elle é dunga no *Quizera amar-te*...
e ella já fórma no *Maneiro pau!*

VI

DESDE a noite de domingo passado, a Chica Bujarú e sôr Zé da Beira se olham enviezados e de azêda sombra.

A causa da zanga é a seguinte: Chica Bujarú, com um pedaço de lingua d'este tamanho, é partidaria feroz e irreductivel do Jacintho Ferro, e o Zé da Beira, o seu home, vae á serra do enthusiasmo e pega fogo pelo campeão luso, sr. José Bento.

Ora, o conde... digo óra — áquella noite de domingo passado, já ao pingo das dez, Zé da Beira, todo desparafusado e cavalgando uma bruta ema, irrompeu pela barraca e foi logo berrando no pau da venta da Chica:

— Intão cunheça! O Zé Vento ganhou, e a von ganhari.

— Axi!... Vuncê chega'stá qui nem se lambe. E' mais milhó qui vá cuzinhá essa gaita e deixe de lambança! Antão vuncê pensa qui eu não seio? O aquelle só ganhou pelo que o Ferro tava doente do istambo e inté gumitando.

— Caes nada, home! Bocê não'stá logo a

bêri que o Zé Vento não ia atrabessari os maris p'ra não lebari o milhori?!

—Vá drumí é que é: vuncê tá hi, tá no chão...

—Lá que o Ferro é curredori, isto é burdade; mais cudilhari o Zé Vento, inda 'sta p'ra se bêri...

—Vá drumi co'os diabo, home.

—... Logo no segundo rebiradori, o Ferro casi que pega o Zé Vento; mas Zé Vento deu logo de arremetteri no blucipede, e foi como um raio que ta parta até o bencedôri... Ahi fôram tantos dos bibas e salbas de palmas e um varulho tão damnado, que casi o Vuldrómo bem avaixo, e até o regedori appar'ceu com duas praças...

—Com seiscentos diabo, vá drumi, seu José, que vuncê tá com essa cabeça nem sei p'r'o onde! Credo! Qui castigo!

—Bocê 'stá hi a incorduari é porque o outro não benceu o Zé Vento, e não tem força mais sup'riori...

—Seu José, seu José... Vuncê não me faça... Tá bom...

E é o que lh'eu digo: não tem força mais sup'riori...

—Apois, diabo, vuncê não sabe que o aquelle tá doente do istambo?

—O que eu bi é que elle perdeu, e a bom perderi... Logo no segundo rebiradori...

—Vá p'ro diabo, já lhe dixe, e me deixe im paz... Ainda mais isso agora, já noitão véia, e seu José numa chuva d'essa sem deixá a gente drumi e incommodando os vizinho...

—Lá isso agora é que já bae tomando outra arrumação... Cá com desaforo não benha, porque já sabe!...

—O que, o que? Já sabe o que? Vuncê tá é sonhando.

—Eu arreio-te um vraço na venta e depois quero bêri!...

—Vuncê mêmo?... Axi, porcaria!

Estava o bate-bôcca neste pé, quando o sôr Manoel Cardial, paredes meias da barraca do Zé da Beira, gritou, algo iracundo:

— O' Zé da Veira, que diabo! bae te accumudari, home! Estou a apostari que a pinga te subiu demais á cachimonia!

— E' esta p'rua aqui a azoinari!

— Pirúa vuncê bem sabe quem é!... Seu José, seu José...

— Bae te accumudari, com tresentos mil diabos, ó Zé da Veira! E a sinhora também não esteja ahi a mexeri, a mexeri... Oraiesta!...

— Tá bom, home, acavou-se, acavou-se...

E logo Zé da Beira, que respeita profundamente o sôr Manoel Cardial, tropicou para os fios, e d'ahi a pouco, sonhava: — Aquillo... sim... um raio... um raio de blucidade... Zé Vento... No segundo rebiradôri...

Por artes do diabo, um dos engraxates moradores na barraca contigua, começou a sonhar tambem, falando alto como o Zé da Beira:

— Carapezzi! Pudjol! Tuta speranza lasciata... xinque minuta... Gratxa amarella, freguê...

— T'iscunjuro, demonhos! Vôte! A mode qui tão apostado esses diabo — rosnou a Chica Bujarú e, cinzenta de raiva, marchou para a maquêra, bamboleando as ancas formidandas.

*

Hontem, ao anoitecer, quando Zé da Beira voltou da trabucação quotidiana, Chica Bujarú se empinando nas pontas dos pés, foi logo lhe cortando o passo:

— Vuncê qué sabê d'ua coisa? Se vuncê quizé roupa p'ra amenhã vê seus pareceiro no aquelle, percure quem aperpare, que eu mesmo não... desde ont'honte tô cum á incausado!

— Eu só digo é que hei de ire, e lá isso de picuinhas commigo é tempo a perderi...

— Apois antão se arranje cuma quinzé... eu pru mim tá se ninando...

—Sóra Chica, sóra Chica... Beja lá o qu'istá a fazeri...

E' isso, e se não gostá, coma meno... Era só o que fartava!...

Sóra Chica, sóra Chica! Já 'stá a me faltari a paciença...

—Apois que farte... E qué sabê d'ua coisa? Rasgue-se...

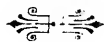
—Cala-te p'r'ahi, estupoiri de uma figa, senão eu te arrevento...

—Se tu qué vê a banha de teu bucho, vem p'ra cá...

—Olh'aialma do diabo!

*

Foi nessa altura que explodiu aquelle palavreado medonho que obrigou uns serios cavalheiros da vizinhança a levarem á policia seus queixumes contra as duas birrentas creaturas.

VII

O, Améico, eu vinha te pedi um favô pelo qui ficava muito agardecido...

—Não sendo coisa de arame...

—E' verdade, e eu tô inté te devendo ainda aquelles dez tostão do jogo do quino; mas porém não hai nuve: assim qui eu arreceba, póde contá com elle. O qui eu percisava era de emprestá teu violão, por via de tá comprimittido p'ra ua tocata hoje, e não posso fartá, pruque o pinho do Candio cahiu gotteira nelle e tá todo desmastreado.

—Home, p'ra lhe falá positivo, eu não gosto de emprestá o meu istrumento. A menas coisa que assucede sempre é elle vi co'o cordame em petição de misera, e a caixa toda arranhada a mode coisa qui brigou cum gato...

—Mas eu lhe agaranto entregá elle prefeitinho cuma se tivesse sahido da fabrica dos ingrez; e se fartá quarqué coisa tô prompto a me arresponsabilizá...

—Tá bom, cuma é p'ra você, vá lá... E condo é que tá de vórta?

— Amenhã de menhã, no batê das 9, eu tô riscando aqui cum seu istrumento, e ainda lhe trago um charuto da festa.

—Você é um damnado... O' Tervina?

—Qui qué?

—Traz ahi o violão, de riba da mala de coiro crú...

Tervina appareceu, com uma cara de paschoa, soprando nuvens de poeira do braço já um tanto sebifero do pinho.

—Pegue lá, vá emprestá outra vez o violão e despois andá ahi cuma cobra que perdeu peçonha... Eu pru mim...

—Até logo. Aqui tem você o bicho, Mané Profiro: só farta corda, e você grudá um papé cum sabão nessa brecha que elle tem ahi debaixo da cintura lá delle.

—Antão inté amenhã...

—A's 9 hora e co'o charuto...

No dia seguinte, ao pingo das 9, Americo esperou, antegosando o breva promettido. Depois, bateram as 10. Americo, já de orelha em pé, começou a palmilhar toda a casa, a largas pernadas, resmungando. Depois, soaram as 11, e, quando a primeira badalada das 12 voou da torre de Sant'Anna, o Americo já tinha subido uma serra muito mais alta que a torre sobredita.

—Antonce? Ta hi as suas bestera em que dá... Eu condo digo...

—Você qué sabê de ua coisa, siá Tervina? Damne-se!

E azougado, roendo um chifre, abalou á cata d'aquelle «cachorro pessimo».

Procurou o Porphirio em todos os pontos onde elle costumava conversar fiado e contar brocas,—e nem fumaça!

—O diabo parece qui se assuverteu!—rosnou indignado o homemzinho.

E eram já 7 da noite, quando o Americo, suando ás canadas e botando a alma pela bôcca, entrou na Villa-Téta, a indagar, aqui e alli, do poiso do vagabundo.

—Eu seio onde é—disse um pequeno—è alli adiente, no *Sovaco da besta.*

Americo partiu como um corisco. Chegando, quiz se certificar se era alli mesmo o local indicado, e abicou para uma creatura de cabellos foveiros e venta accêsa, toda derramada numa janella:

—Ainda qui má lhe progunte, dona, sabe me dizê se é aqui o *Sovaco da besta*, cum licença da palavra?

—Eu não quero é lambança p'ra meu lado. Venha cum seus luxo, qui eu conto a seu Prinio!

—Tá bom, discurpe.

Logo adeante, lhe ensinaram a casa do Porphirio, e Americo bateu.

—Assuba! berrou o pandego, encolhido numa vasta rêde armada ao centro da sala.

Americo foi entrando e berrando:

—Cuma é qui você faz um papé desgraçado d'este, dizê qui levava meu violão hoje, e inté agora...

—Home, não foi pruque eu quizesse, mas porém o seu violão, se muito bem anda, já deve tá lá pulo forno do lixo...

—Cuma antão?

—Apois, home, você não tá vendo qui eu nem posso me mexê nesta rêde?

—Mas qui diabo foi?

—Cacete, home; a festa acabou num ruelo bruto, e o seu violão entrou também no sarceiro, e eu não vi mais nem o rasto d'elle...

—Isso agora é que não vae. Ou você me paga o istrumento, ou antão...

—E a minha cabeça quebrada?

—E eu tenho nada cum isso, grandississimo bruto?

—Veja lá, não abuse das minhas condição.

—Você é mais que ua besta, você é um gatuno. Paga ou não paga?

Porphirio disse uma çoisa feiissima; e foi então que o Americo, saltando em cima do cabra moido de pauladas, lhe arrancou um pedaço da orelha esquerda com uma dentada valente e certeira,—de piranha.

VIII

De quando em quando, o Manoel Esteves chorava pitangas, lamentando amarguradamente a perda de seu pinho choroso, esbandalhado a cacete por uma horda de barbaros, aos derradeiros suspiros de uma serenata a preceito, lá p'r'as bandas do Porto do Sal.

Nunca mais, por noites supimpas de luar e gaita, dedilharia um complicado bé-fá á porta da Mundica Roxinha, enchendo o silencio do bairro com a maviosa doçura requebrada da *Margarida vae á fonte*, a modinha da sua paixão, ensinada e copiada pelo dr. Maniva, com todos os *ff* e *rr*.

Esteves, de triste, já andava de beiço molle e cahido; e quando, noite velha, acontecia lhe chegar ás oiças coisa que se parecesse, mesmo á distancia de uma legua, com a sua modinha predilecta, o homem babava e chorava como um damnado, fazendo uma cara só digna de muita tapona e muito pau.

Um d'estes dias, Esteves entrou na bodega do Chico Folle para avançar n'uma lambada, justamente na bella occasião em que Chico Folle

corria exultante as unhas no cordame sonoro de um soberbo pinho novo, que naquelle instantinho mesmo elle tirara numa rifa por 2$.

Esteves, vendo aquillo, esqueceu-se do góle e, todo olho no instrumento do Chico Folle, concebeu a idéa unica de, na primeira de espadas, unhal-o.

E veiu a primeira de espadas, e foi um dia o pinho do Chico Folle.

Esteves, essa noite, pintou o sete. Sua primeira lettra foi á porta da Roxinha: cantou a *Margarida*, dando ao vozerão uns tremeliques tão cheios de massadas, que a Roxinha pulou da rêde, e, affrontando as iras bravias da jararaca da mãe, correu á janella, a ouvir, toda babosa, o insigne trovador.

D'ahi, contente e sassariqueiro, cambou Esteves para os costumados e saudosos pontos dos seus antigos successos — a casa da Joanna Pellada, o botequim do Zé Capenga, a bodega do Manoel Doido e o frege da Chica Pinta.

Em cada um d'esses poisos, o conspicuo malandro fartou-se de applausos e chumiscuim, e, ao dar de gambias, no frege da Chica Pinta, ainda teve de cantar, uma vezinha só, a *Margarida vae á fonte*, a pedido da Nicota Pinta, uma jararaca barbada, mana da Chica, disque.

Depois de muitos cumprimentos e mais uma *cipoada* valente, abalou para o Umarizal.

A noite estava que era uma belleza.

Esteves, ao chegar já um tanto zarro aos dominios da rapioca estoirada, parou á esquina do *Castello da Mocidade* e abriu o echo:

Margarida vae á fonte
Margarida vae á fonte
vae encher a cantarinha.
Brota os lyro pelo monte...

N'isto appropinquou-se de Esteves, como uma coisa mandada, um cidadão que, pelo geito, não era ahi nenhum mequetrefe.

Appropinquou-se do Esteves, olhou bem para o focinho d'elle e bradou damnadinho da vida:

– E' bocê mesmo que eu ando a procurari, seu maroto. Foi bocê que me alapardou o biolão qu'ahi'stá a zabumbari...

—Fala commigo ou reza p'r'as alma? É mió qui você marche no seu caminho e deixe os outro em paz. E fazendo gemer o pinho:

—Brota os lyro pelo monte...

—Bocê entrega ou não entrega o biolão?

—Home, você qué um conseio de amigo? Vá s'imbora. Você não tá regulando da bola, nem eu.

— Margarida vae á fonte...

—Ou bocê entrega o biolão ou eu apito e bamos bêri...

— Vae á fonte e vem sósinha.

—Ora bamos ou não bamos?

—Sae, o pinho é meu, e no mais lixe-se, pruque isto já tá fedendo.

—É tão lindra a casa d'ella
—É tão lindra a casa d'ella...

—Gatuno è que bocê é.

—Olha...

—Fica á beira do caminho...

—Bou já chamari a patrulha, seu malandro.

—Você parece qui qué acabá a noite mar. Vá s'imbora...

Os canteiro da jinella
Invorvendo a casa d'ella...

—Eu quero é meu biolão.

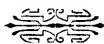
—... Tem oroma *azur marinho*...

Ahi, o Folle não aguentou mais, perdeu as estribeiras e avançou para Esteves.

Mas Esteves que, mesmo na gaita, é moleque de nota, sacudiu o quengo no Folle, estirando-o lá no meio da rua, e zarpou.

Folle esborrachou-se justamente no lameiro que fica por alli, e emquanto estrebuchava, fulo de ira, lama pela cara, lama pelo corpinho todo, Esteves, já á respeitavel distancia, porque não é arara, soltava uma gaitada gostosa como o diabo, e, ao choro do pinho:

—Tem oroma *azur marinho*.

IX

POBRE da velha Eufrosina!

Que mal teria ella feito á Senhora Sant'Anna, dôce e bemfazeja guia da igarité de seu destino n'este valle de lagrimas, que eu não posso deixar de aproveitar a brecha para promover, por antiguidade, a miserrimo oceano? Que tenebrosos peccados commetteria ella para, já nos ultimos arrancos de sua vida, atormentada de tantas macacôas, golpeal-a uma desgraça d'aquellas, que a deixava assim, sem gosto nem para uma cachimbada ou uma cuia de chibé? E, a lhe não falarem na *amardiçoada*,—porque então a velha fica logo peor que surucucú quando a gente começa a debochar com ella,—não ha consolação e carinho que a logrem sacudir d'aquelle cretino abatimento—enrodilhada a um canto da barraca, d'olho vidrado e falripas ao ar, só dando accôrdo de si, de tempo em tempo, ao sentir o salgadinho d'alguma gotta de choro (perola de pranto) tristemente rolada no seu beiço molle.

—Eh! nha Flozina, não se consoma assim qui

póde inté piorá da izipla... Qué qui vuncê haide fazê?

—E é mêmo, nha Tonha! Qué qui tia Flozina vae fazê?

—Agora é só isperá qui seu Quinca chegue da viage p'ra insiná o desavregonhado qui abusú... Ixi! Home é o diabo; a mode as vez qui tem parte co' o cão, p'ra disinquetá a gente... Hum! Hum!

—Isso é que é, nha Tonha... mas porém, eu agora me alembrei d'ua cuisa: não é bão butá no jorná? Se qué, eu seio d'um muço qui sabe butá: é seu Manuér Azevedos; ainda s'outurdia...

—Quá o quê, mana Chica! Butando no jorná, elle scisma, vae s'imbora e acabú-se... Esses coati são ladino... Apuis vuncê não se alembra do causo do seu Zé Bigudinho? Se haviam de fazê as cuisa calado, não: fizero notiça no jorná e cadê elle? A pobre da Doca é qui ficú pur ahi aos imboléo, nas mão de um, nas mão de utro...

—Lá isso é... Mas onde tá Pelonha, nha Flozina?

De repente, o olho vidrado da velha fuzilou; e ella, como impellida por uma d'aquellas molas de fabricação especial do sr. Xavier de Montepin,—firmou-se lesta nos pernis:

—O que? O que? A amardiçoada?

—Vrige nossa Senhora!

—Aquella cundemnada do inferno? Eu seio lá d'aquella peste... Tá lá p'ra dento co' os cachorro... Diaba do cão... Primitta Deus qui ella é de pari uma cobra...

E—bumba!—no chão, de dentes cerrados, escumando...

Nha Tonha só se lembrava de *tregedia* egual no instante em que nha Flozina vira o pae de Pelonha, o Zé Matraca, ao fim de um rôlo tremendissimo, espichado no chão, quieto pela unica vez, com uma horrenda facada no coração,—lá d'elle.

*
* *

Hontem, quando a velha mais fundo mergulhava em seus tristissimos scismares, expertou de subito, á voz grossa do Quincas:

—Sá bença?... Cuma vae Pelonha?

O olho vidrado da velha fuzilou outra vez:

—A mode qui tu vinhesse mandado; foi memo a Senhora Sant'Anna qui ti butô agora em casa! Arre, qui eu já tava pulos cabello.

—E cum'antão?

—Tu não dizia qui a duença d'aquella semvregonha era murrinha do tempo, ou antão lumbriga sulitara, não dizia? Apois ta'hi a cadella! Nha Quitera inzaminô bem, e tu qué sabê? Pelonha tá, mas é buchuda e já de 6 mez...

—Qui é qui vancê tá dizendo? Pelonha buchuda?!

—E é de menina feme p'ra sê safada cuma ella!

—O' Pelonha? berrou o Quincas.

D'ahi a um minuto, appareceu a desgraçada creatura, uma cabocla tetéia, bonitinha como o cão; mas vinha triste, cabisbaixa, abotoando, a tremer, o casaquito de morim, muito justo ao peitame exuberante e forte.

—Eu nem quero vê o teu focinho, demonho —resmungou a velha, embiocando-se no seu canto.

O Quincas então mediu a pequena de alto a baixo, com um olhar de cobra:

—Mas cuma diabo foi isso, Pelonha?

– Eu não seio, eu não tenho nada—suspirou a infeliz, dobrando e desdobrando idiotamente a ponta do casaquinho de morim.

—Deixemo de cunversa! Ou tu diz já quem foi, ou te istrepo já na ponta da faca... Vamo!

—Agora, não fui ninguem... Não fui, mano Quinca, eu juro pela luz divina qui não fui ninguem.

—Fala, diabo, se não qué qui eu faça já uma desgraça...

—Eu não seio...

O Quincas, perdendo a tramontana, descascou a bicuda.

Ahi, a velha deu um pulo:

—Tu tá doido, Quinca? Deixa esse diabo, é mió.

—Quá o quê, ella agora ou diz ou boto-lhe o bucho no chão... Quem foi, Pelonha?

Apollonia mudou de côr muitas vezes, como cameleão; estremeceu todinha e, baixando mais a cabecita de sururina, gemeu:

—Quem? Fala arto, demonho!

—Foi seu Zé Calteiro.

—Cum todos os diabo! E eu que deixei esse misarave agora em Manau. Mas eu o mato e adispois te mato. Tas uvindo? Mato todos dois... Vancê, nha mãe, tambem é curpada na confiança qui deu áquelle cachorro... Vancê mesmo arcovitô... E eu bem qui lhe abri o zólho...

Mas a velha, esticada no meio da sala, de dentes cerrados e escumando como caranguejo, não disse nem bolacha...

E estão as coisas neste pé: Quincas cuira por matar Zé Carteiro; a velha Flozina cada vez mais succumbida, pedindo a Deus que o mundo pegue fogo; e o bucho da Pelonha arredondando... arredondando, arredondando, numa crescente affronta á bicuda terribilissima do Quincas.

Que tenho eu com isto?

I

De tres coisas — gósto.
Tres coisas detesto.
Do Mundo, do Diabo e da Carne — gósto. Detesto: pharmacia, trapiche e plantão.

Gósto do Mundo porque *gyra* ha milenios, e ainda não appareceu uma auctoridade algo topetuda que o internar num hospicio de *gyras*. Gósto do Diabo porque é um bicho espirituoso, digno; e de sua biographia, ora sob a guarda carinhosa do sr. padre Candido Rocha, consta isto: foi sua senhoria quem, com um phosphoro de cêra, ateou no olhar de gato da sra. Helena a chamma devoradôra que destruiu Troya — simplesmente para demonstrar a necessidade da creação de corpos de bombeiros; foi sua senhoria quem, num dia cinzento de quebradeira, revestiu as fórmas angelicas de Laura e mandou ao prego o mais bello collar das rimas de Petrarca.

(Ahi, sua senhoria não procedeu correctamente, porque lançou, desde logo, as tremendas bases da instituição do celeberrimo *conto do vigario*, da qual Raymundo Silva é hoje pre-

sidente honorario). Vamos adeante: foi sua senhoria quem furou o olho de Camões, obrigando assim o sublimado épico a contemplar Nathercia sómente por um oculo; foi sua senhoria quem descobriu ao sr. Olympio Nogueira as minas do Conde de Monte-Christo e apertou aquelles sapatos da chronica do Rodrigo de T.... foi sua senhoria... E gósto da carne guizada com batatas.

Detesto a pharmacia porque, sempre que lhe transponho os humbraes com uma receita, penso, sem querer, nos srs. A. P. de Lemos & C.ª.

Nos trapiches só entro por dever de coração — despedidas de amigos que infallivelmente se esquecem, ao regressar, das coisas que enthusiasticamente me prometteram ao partir. E detesto, mais do que tudo, o *Plantão!*

Alqueires de razões tenho eu para isso.

Todos os meus collegas o fazem socegadamente, fumando ou a conversar: eu, não! Chegando a minha vez, é calamidade certa: surge revolução no Rio; crise no ministerio portuguez; o *Aquidaban* vae ao fundo; desaba o club de engenharia na Avenida Central; ha terremotos na «perola das Antilhas»; o incendio destruidor arraza tudo; a Argentina quer brigar com o nosso paizinho; sua santidade Pio X peora dos seus padecimentos; sabe-se que é interessante o estado da rainha de Hespanha; o cambio se annuncia vesgo; Nicolau II quasi é victima de engenhos infernaes; no Ver-o-Peso ha tiros e facadas; no Umarizal, tres mortos e um ferido; á Villa-Téta, incendio numa barraca; briga de marinheiros; desastre num bond; tiro casual; desabam paredes que ha cem annos resistiam a todas as intemperies; a humanidade inteira faz annos e offerece um intimo chá de garfo ás pessôas de suas relações.—Não se esqueça de dizer, sr. redactor, que haverá tambem uma *soirée.*—Perfeitamente.—E não nos deixe de honrar com a sua presença...—Obri-

gado, até logo... Cantam na rua a *Margarida vae á fonte;* entra o Tavares, ás pressas, com uma enorme bolsa vasia e os bolsos do paletó e da calça redondos de tenebrosas notas.

—Senhor Deus dos desgraçados!

E caio de penna...

No meu ultimo plantão, além do mais, occorreu o seguinte:

Vejam que sorte.

Quando substitui o ultimo *dirigiu-se* do magnanimo Tavares, eram 2 horas da madrugada: meus olhos ardiam, marejados.

Minha cabeça... sei lá d'isso!

Foi nesse momento que elle surgiu:

—O sr. não imagina o que é aquella terra.

EU. de palpebras chumbadas:—Imagino...

—Sabe de que se trata?

—Não; mas imagino...

—Pois escute.

Pude vêr sómente que, por um labio inferior, em fórma de calha, escorriam palavras em penca.

***

Seis horas da manhã.

Accórdo a esta pergunta indignada:

—Diga-me o sr., que merece um canalha d'estes?

—Que canalha, sr.?

—Pois então o sr. não ouviu a minha historia? Desde as 2 horas da manhã...

—Oh, Liborio, pelo amor de Deus! Que tenho eu com isto?!

II

JANUARIO, com a sua vozinha aflautada e melosa:— Seu dereitô, tá lá na sala ua sinhóra qui qué falá.

Nesse momento, eu entregava á ponta azul do lapis do major o cabuloso estylo das *Associações*.

— Seu collega — disse-me o major, erguendo para mim os seus olhos mais azues do que a ponta do lapis referido — vá vêr o que deseja essa madama.

Rodei pesadamente nos tacões cambaios, fui ao meu cêpo, deixei a ponta de charuto, abotoei o paletó e, segundos após, no salão de honra d'A PROVINCIA, me extendia gentilmente a mão uma senhora de luto, esvelta e horrenda, com o nariz aggressivo do nosso carissimo Theodoro Braga.

Cumprimentamo-nos. Sentamo-nos.

ELLA — O sr. é redactor?

EU — Pelo menos, até este momento, tenho essa honra, minha senhora.

ELLA — Eu sou viuva. O sr. não conheceu meu marido?

(Eu não conhecêra absolutamente).

Ella — Oh! mas o sr. seu pae deve ter conhecido. Era o capitão José Gomes, o meu Juquinha! Ai, que saudades! Não imagina o sr. quanto o Juquinha era bom e meigo. E intelligente! Que lindas poesias me fez elle, quando ainda era alferes e nos namoravamos!... O nosso casamento se effectuou em 1875, na egreja de Nossa Senhora Sant'Anna. Poucos consorcios naquella época se realizaram com tanto brilho... Mas, desculpe, vamos ao que me traz aqui... Eu, quando me lembro do Juquinha, perco a cabeça... Tão bom, tão amavel, tão elegante! Ah! se o sr. o visse trajando a farda de capitão, nos dias de grande gala! Era irresistivel! Era irresistivel... E sobretudo, tão fogoso!... E como tocava trombone! Saudades!... Saudades!... Mas vamos ao que me traz aqui... Depois de dez annos de casados, a Providencia nos concedeu a graça de uma filha... *(Exaltando-se)*. Mas era filha do meu marido commigo, e não do meu primo Ignacio Monteiro Guedes Coutinho, como uns vis calumniadores propalaram naquelle tempo... Sabe o sr. o que originou essa infamia...

(Eu absolutamente não sabia.)

Foi a inveja, foi o despeito, porque então eu era lindissima e todos me queriam seduzir... Eu bati-lhes o pé... E' certo que, quando Juquinha estava de serviço, eu e o primo Ignacio conversavamos até ás duas, tres horas da madrugada, sósinhos... Eu juro... Mas vamos ao que me traz aqui. Minha filha é um anjo! Que creança encantadora! Dizem que se parece extraordinariamente commigo... até no nariz! E' um *bijou*... Sabe o sr. qual é o nomezinho d'ella?

(Absolutamente, eu não sabia.)

E' Bijou, Bijou... Muito bonitinho, não acha?

(Eu, suando frio, achei que *bijou* era um nome bonitinho)

Ella — Imagine o sr. que Bijou já tóca flauta e piano com tanta perfeição e senti-

mento que, ainda hontem, após uma audição, me disse o sr. Cincinato:

— Sua filha, minha senhora, tem mais talento do que Gonçalves Dias e o padre Bartholomeu de Gusmão!

— O sr. conhece-os?

— Conheço o maestro, minha senhora.

ELLA — Mas vamos ao que me traz aqui... A Bijou, minha adorada Bijou... Ah! se Bijou morresse, eu morreria de dôr! A Bijou faz annos amanhã e eu... *(Tira d'uma finissima carteira um pavoroso postal)*... queria que o sr. escrevesse qualquer coisa neste cartão... Uma phrase sómente... A Bijou é uma sincera admiradora dos seus escriptos...

— Mas, minha senhora...

— Não o perdôo...

— V. exc. comprehende...

— Não saio d'aqui sem qualquer coisa neste cartão...

— Então, qualquer coisa...

— Qualquer coisa, o que lhe aprouver, comtanto que escreva e assigne...

Peguei indignado no postal, sentei-me orgulhosamente á banca do Velho, no gabinete contiguo...

ELLA, que me acompanhou: — Mas como isto é chic!

— Muito, minha senhora.

— O sr. senador tem gosto!

— Muito, minha senhora.

— E que bello retrato aquelle!

— Muito, minha senhora; mas v. exc...

— Ah! desculpe, escreva, escreva...

E eu escrevi...

«Exm.ª sr.ª.

Se v. exc. entrasse na sala vizinha, logo poisaria seus lindos olhos garços num vasto cartaz onde, á excepção d'umas coisas gryphadas, do sr. Victor Hugo, estão nitidamente impressos os seguintes dizeres, em caractéres pollegares:

«AQUI HA SEMPRE MUITO QUE FAZER E AS CONVERSAS PROLONGADAS PERTURBAM O SERVIÇO, PREJUDICANDO OS INTERESSES DA EMPREZA».

Aspeei, rabisquei, abaixo—*João do Canto*—e... prompto, minha senhora!

Alegremente, ella avançou no postal. Leu. Seu beicinho tremia. Releu. Seus olhinhos faiscaram. Rapida, dardejou sobre mim uns olhares tigrinos e, com voz estrangulada:

—O sr. é um barbaro! A minha Bijou, tão bôa, tão intelligente! A minha Bijou que tem mais talento que o padre Bartholomeu de Gusmão...

—E Gonçalves Dias, minha senhora.

—O sr. é um estupido!...

E, dando uma rabanada, sahiu.

*

Que diabo tenho eu com isto?

*

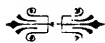
Referi tudo ao major, desabotoei-me e marchei para o cêpo...

*

—Minha ponta de charuto...

*

Oh Alves d'uma figa!

III

FUNDEADO o navio no sumptuoso porto dos Barés (tribu invicta que jámais tremeu deante das gordas legiões dos tambaquis) e feitas as visitas estylares, desembarcaram açodadamente os passageiros, uns amarellos pelos grogs finos do *Itatiaya*, outros antegosando a frescura deliciosa d'um loiro e patricio chope...

*

Horas depois, na repartição supplicial, digo, repartição policial, chegava ás cuidadas unhas do sr. prefeito a relação nominal dos cavalheiros viajantes.

S. s. leu, quasi distrahido, os primeiros nomes. De subito, porém, seu olho policial reluziu alegre como o do meu Cipriano (o meu Cipriano não tem *y*); fitou incisivamente um nome e, como se houvera descoberto minas rivaes das do sr. conde de Monte Christo, bradou contentissimo, aos pinchos, desparafusando-se todo, tal qual o genial sr. Olympio Nogueira no derradeiro maxixe da *Ilha do Paraizo*:

—Peguei-te, peguei-te, cavaquinho!

E correu a palacio.

*

S. exc., esticado num voluptuoso divan, scismava melancholicamente, acariciando a verruga magnifica.

O SR. PREFEITO, *entrando á moda corisco:*
—Sabe? Sabe? Um já está aqui, seguro... segurinho da Silva...

SUA EXCELLENCIA, *erguendo-se, d'um pulo:*
—Hum? Hum? O emprestimo? Bom! segurinho da Silva, hein? Bueno!

—Pipocas! Qual emprestimo nem qual *bueno!* E' coisa muito séria... Segurinho da da Silva, seu compadre!

—Não entendo...

—Vae entender.

Abriu a preciosa lista de passageiros e, apontando nervosamente um nome:

—Entendeu?

—Olé... Olereps! Um dos coatis, hein? Faça absurdos!... Você já sabe! E' na lei! Bigode raspado... Isso não, porque é moda! Mande raspar-lhe a cabeça, as sobrancelhas, cortar-lhe as pestanas. Depois, calabrote! Faça absurdos! Mas veja lá, sempre na lei: pouco sangue e nada de matar...

Seis da tarde. O navio ia zarpar, quando escaleres, repletos de praças embaladas, atracaram, e o sr. prefeito, Maranhão de nome, surgiu a bordo:

—O commandante?

—A's suas ordens.

—O sr. tem aqui um passageiro com este nome? *(mostrou o nome)*

—Sim, senhor.

—Faça-o vir immediatamente a minha presença!

*

PASSAGEIRO, *desconfiado:*—Aqui'stou.

PREFEITO—O sr. não tem uma revista?

—Eu? sim, senhor; faço os meus negocios... No Acre...

—E' isto mesmo! O sr. não se chama Tito Franco?

—Sim, senhor.

—E' isto mesmo! Está preso, e, se resistir...

—Mas, sr., eu...

—Nem mais uma palavra! O sr. debochou o governo do Amazonas; o sr. e mais o individuo fulano de tal!

—Não conheço.

—Não conhece! Então o sr. e esse bandido não escreveram a revista juntos? Covardes!... Está preso!

PASSAGEIROS, *á uma:*—Sr. Prefeito, v. s. naturalmente está equivocado; este sr....

—Não admitto observações... Tito Franco... Acre... *(Para o passageiro incriminado):*—E' você! E' você mesmo! E commigo está muito enganado... Commigo é nove!

E s. s. bufava.

*

Sómente a 1 hora da manhã o navio desancorou.

O sr. prefeito convenceu-se, por fim, de que a *revista* do passageiro era um simples documento commercial; convenceu-se de que o mesmo passageiro é, de facto, commerciante nesta praça; convenceu-se de que o sr. Tito Franco, passageiro e commerciante, não era o dr. Tito Franco, escriba n'A PROVINCIA, cantor excelso de dona Ritta e, com este seu creado, auctor d'*O Acre*, a nossa querida e odiada revista, que nem ao menos teve a sorte de escapar á indignação pundonorosa das virgens impagaveis que são o escudo e a gloria da *troupe* Silva Pinto!

—Ao sr. revisor observo, com todos os meus respeitos, que escrevi *troupe* e não *tropa*... Mas, afinal de contas, que tenho eu com isto?

IV

A' NOSSA veneranda sacada, consumia eu o derradeiro charuto que o Manduca me fornecera galhardamente, sempre confiando em meus haveres...

Foi quando elle veiu para mim, pallido e altissimo, lugubremente embainhado num terno funebre, de fraque, muito adherente a coiros e ossos.

Veiu, debruçou-se ao meu lado, deixou cahir no passeio, como um estalo de espoleta, uma larga cuspinhada; teve um suspiro; poisou seus bellos olhos lyricos no mastro dos srs. A. P. de Lemos & C.; soltou outro suspiro; retorceu as guias finas de seu martyrisado bigodinho, e, volvendo para mim seus grandes olhos tonalizados de tristeza:

—João, tu és meu amigo?

—Até ao patibulo.

Agradeceu-me, pediu-me um charuto que eu não tinha, e continuou, confidencialmente:

—Sabes tu o que é o amor quando empolga um ser, uma alma, um funccionario?

—Sei: é um caranguejo.

—E sabes tu, meu caro João, até aonde póde ir uma paixão d'amor?

—Sei: vae até ao hospicio de alienados, a pé, com 8 policiaes valentes, ou no bond do Marco:— isto quando não ha a necessaria verba para o verde-Paris ou o Smith & Wesson está no prégo!

—Não zombes do meu penar! Terremotos, calamidades, naufragios, guerras e tempestades, fomes e frios, bacamartes bocca de sino, bicudas de Pajehú, os bonds do Umarizal, tudo eu supportaria sorrindo; tudo affrontaria contente, para vêl-a nestes braços, no alto da serra de Baturité, dando-me cafunésinhos... Porque, fica sabendo, meu amor é puro e casto...

—E' dos mais damnados.

—Tão puro e casto que, se ás vezes durmo á frescata, d'ossos ao ar, e sonho com ella,— ao accordar, ainda cheio da encantadora visão, pulo da rêde e visto as ceroulas!

—Muito bem!

—Mas o que eu queria era que tu... és meu amigo, João?

—Já te disse, homem: até ao patibulo.

—Bom. Queria que tu ouvisses estes versos.

E o menino, ciciando e poisando de vez em vez seus bellos olhos lyricos no mastro dos srs. A. P. de Lemos & C.ª, leu:

I

«Castellã enamorada,
lyrio de magua e mysterio,
escuta os sons da guitarra
do Plinio do necroterio!...

Vejo-te sempre, adoravel,
na minha dôr esmaltada,
como entre *varias batidas*
uma *diversa faiada*.

Ah! responde á minha prece,
dona de olhar sempiterno,
que possues toda a elegancia
do nosso *elzevir moderno!*...

O rapaz dos telegrammas
é que me põe sempre em raiva.
Oh! não haver quem liquide
esse tal de Armando Paiva!

Quando sorris, lá de cima,
e nos meus teus olhos fito,
tudo fulge e resplandece:
até o Liborio é bonito!

Minha paixão é tamanha,
que perdi todas as caspas...
— O' Liborio, no *cotejo,*
não vás esquecer as *aspas!*

II

Pensando nos teus olhares,
relogio e bengala eu rifo...
Oh, c'os diabos, Foreliza!
lá sahiu o — g — em *grypho!*

Depois de te ver o rosto,
odeio esta revisão!
Mas o typographo é duro:
vou avançar no *galeão!*

Que prova! Não ha quem possa
levar essa coisa ao fim.
Minha bella é tão delgada,
que recorda um *quadratim*...

Saudade! Negra saudade!
Perdi toda a paciencia
mandando tirar a *virgula*
para pôr a *reticencia*...

III

Bem sei que não serás minha,
dona das faces coradas.
Ha muito tempo eu te vejo
entre *virgulas dobradas*.

Se eu pegar, na loteria,
a sorte de trinta contos,
dar-te-ei um lindo castello
de *asteristicos* e *pontos*.

E' toda trevas minh'alma,
tudo em torno, escuridão;
aclara com teu sorriso
minhas noites de *plantão*.

Meus tristonhos pensamentos,
sempre te fôram fieis.
não consente que elles fiquem
como sordidos *pasteis*.

A que tormentos me arrasta,
tua imagem terna e branca!
—Mesmo tendo *provas* bôas,
já não durmo na *retranca*.

Quando eu arranco os bigodes
e tu nem olhas de lá,
sinto bem na *caixa alta*
o peso d'um *piquiá*.

Eu tenho um desejo immenso
de chegar logo ao meu fim
arrebentando a cabeça
no mais largo *caixotim*.»

—Que tal? perguntou o poeta.

—Assim, assim; porque não rimaste o primeiro verso com o terceiro?

—Isso é luxo. Os defunctos no necrote-

rio... As autopsias, os exames, o acido phenico...

—E aquelle olhar *sempiterno*...

...—Sei lá! As asphyxias por submersão, o bistori, instrumentos, bôccas arreganhadas...

Ia o poeta por ahi afóra, quando o Liborio, me lobrigou e investiu de venta accesa:

— Sabe? os canalhas roubaram-me os autos! Como é que eu agora hei de fazer a appellação?!

O poeta calou-se e eu abalei, considerando providencial, pela primeira vez, uma investida do Liborio.

*
* *

Agora respondam os srs. com toda franqueza: eu tenho alguma coisa com isto?

V

Há dias, nesta mesma grave columna, referi o caso de uma senhora de nariz aggressivo como o do nosso carissimo Theodoro Braga, a qual, sendo mãe de Bijou e Bijou colhendo mais uma no seu precioso, queria, a fina força, que, em homenagem a esse faustoso acontecimento e á Bijou — que é um anjo — eu gatafunhasse uma imbecilidade qualquer num lindo cartão postal — isto depois de me fuzilar a paciencia durante uma hora, o que me obrigou a graphar no mesmo cartão, em vez de um engrossamento a Bijou — que é mesmo um anjo,— os seguintes dizeres expressos no severo cartaz pregado á entrada d'esta Redacção: — «AQUI HA SEMPRE MUITO QUE FAZER E AS CONVERSAS PROLONGADAS PERTURBAM O SERVIÇO, PREJUDICANDO OS INTERESSES DA EMPREZA.»

A mãe de Bijou damnou-se, deu rabanadas; mas o exemplo...

*
* *

Estou em acreditar que, para a calamitosa especie dos piquiás de paletó ou de anagua,

não ha cartaz, não ha cara de onça, não ha olho feroz, não ha nada. Essa terrivel especie, quando no exercicio de suas pavorosas funcções, é indifferente a tudo que não seja o supplicio do similhante, christão de Deus: fóra d'isto, é indifferente á bôcca d'um bacamarte, a um murro na venta, á bordoada de levantar cinza, á chuva, ao sol, ao raio, a um maxixe da banda portugueza ou ao trombone da banda allemã! . . .

Estas coisas vêm a proposito do que ahi vae, abaixo de tres estrellinhas.

*
* *

Todos os meus companheiros trabalhavam. No gabinete directorial, o Major cortava lingua com um cidadão francez, ruivo e pintor. Eu lia a undecima tira de uma noticia do Campos e apalpava um acontecimento d'estrondo, pelas minucias precedentes. Era o caso que um senhor Manoel Rufino, «domiciliado em tal parte, á rua tal, canto da travessa tal, sahira de casa ás 8 horas da manhã; tomou um bond, foi ao mercado, chegando ás 8 1/2, em ponto. Conversou com diversos amigos, bebeu garapa, fez compras, entre as quaes um paneiro de farinha. A's 9 e 25, regressou á casa, levando os seus troços, num bond bagageiro. Já nos penates, Rufino deu pela falta d'uma onça de tabaco que comprara. A's 10 e 4 minutos, abalou o homem novamente para o mercado, chegando precisamente ás 10 1/2 e encontrando o tabaco referido no aparador numero tanto, de propriedade de fulano de tal, de nacionalidade portugueza, residente com sua familia na cidade velha, rua tal, numero tanto. Rufino gambiou então para sua residencia, no logar alludido, afim de almoçar» . . .

Estava eu nessas alturas do linguado do sr. Campos, quando um cavalheiro, elegantemente encadernado, pediu licença e entrou. Entrou

e foi logo extendendo a cada um de nós a mãozinha cabulosa. Todos depuzeram a penna, ergueram-se, perderam o fio da idéa, deixaram as tiras voar... para apertar gentilmente os gadanhos do cavalheiro.

Farejei logo em s. s. uma formidanda massaranduba, d'essas d'alto lá com ella.

Certinho. O barbaro avançou para mim:

—Venho communicar um facto gravissimo.

—A's suas ordens.

—Mas eu desejava falar noutro logar: não obstante poder lhe referir o caso em duas palavras, de fórma alguma quero perturbar os seus collegas. Sei o que é redacção de jornal.

Fui com elle para o salão.

Sentamo-nos. Elle ficou defronte. Passou demoradamente pela testa e pelo pescoço um fino lenço. Tirou um charuto. Puxou do bolso do collete um pequenino canivete. Abriu-o delicadamente. Cortou, com requintes feminis, a ponta do charuto. Deixou cahir, com um estalido secco, a lamina polida. Guardou o canivete noutro bolso. Riscou um phosphoro, que se apagou, riscou outro, que se apagou, riscou o terceiro, riscou o quarto, riscou o quinto, accendeu o breva com o sexto... e, imprimindo á cadeira uns leves baloiços, gosmou:

—Eu sou passageiro do paquete inglez. Não posso absolutamente viajar em paquetes que não sejam inglezes. Passadio supimpa, optima cerveja, alimentação succulenta. Agora mesmo, é minha companheira de viagem uma adorav l *lady*, com quem passo horas e horas a conversar sobre Camões. E a lingua ingleza! Oh! a lingua do Rei Lear e de Evangelina! deliciosa, não acha?!

—Salvo seja, com batatas.

—Oh!... Mas, é verdade; como lhe ia dizendo, sou passageiro...

—Do navio inglez, porque o sr. só viaja em

paquetes inglezes,—uma delicia, uma adoravel *lady*, Camões, a lingua ingleza, etc., etc.

— Perfeitamente. E a viagem de Manaus até aqui? Em menos de dois dias! E as paizagens! Um occaso nas florestas amazonicas... Do Brazil só aprecio a natureza. Capital, sómente Paris. Conhece?

—Muito.

—Deslumbrante, não?

— Detestavel!

—Detestavel!

—Horrivel!

—Oh!... Acredite que não posso mais viver no Brasil. Nossas capitaes são intoleraveis, a começar pelo Rio de Janeiro... Paris é o esplendor! Boulevards, mulheres, sylphides, a phantasia brilhante... Aqui, agua de côco; lá, o absintho...

— O cavalheiro reside em Paris?

—Oh!... Ha dois mezes! Um encanto! Não sei como se vive noutro logar!

— O cavalheiro é allemão?

—Não, senhor; sou do Rio Grande do Norte.

—Ah!...

—Nasci no Natal. Sou filho legitimo....

—Não ha duvida; mas o facto gravissimo? —perguntei, quasi de tramontana perdida.

—Ah, sim! E' o seguinte. Em Paris, não aconteceria isso. Um facto gravissimo, extremamente grave! Em Paris é outra coisa! Não vemos esses horrores, essas selvajarias...

—Ora, diga-me cá. Mataram o sr. seu pae?

—Oh, não!

—Aconteceu algum desastre á senhora sua mãe?

—Oh! nada d'isso! O facto gravissimo consistiu no seguinte: eu sou passageiro do navio inglez...

—Sei, sei...

—Pois bem! Fui ao trapiche e não encontrei a lancha de bordo!... E' caso serio! Exijo uma indemnização!

Ergueu-se.

Eu aproveitei a occasião, enfiei-lhe um braço e quasi o arrastei até á entrada da sala da Redacção. Ageitei-o a ponto d'elle dar de cara no cartaz.—«AQUI HA SEMPRE MUITO QUE FAZER E AS CONVERSAS PROLONGADAS PERTURBAM O SERVIÇO, PREJUDICANDO OS INTERESSES DA EMPREZA.»

Leu, releu e, voltando-se para mim, com a melhor cara d'este mundo:

—Muito bem! muito bem! Vou mandar fazer o mesmo para pregar no meu gabinete de trabalho em Paris. Oh! os cacêtes!...

Voltei á noticia do Campos. Ao termino da vigesima tira, se desenrolava, emfim, o tragico acontecimento:

«Manoel Rufino, ás 9 horas da noite, quando se dirigia ao fundo do quintal, cahiu e quasi fica com um pé desconjuntado».

Mas, pelo amor de Deus, que tenho eu com isto?

VI

Um d'estes dias — dia cinzento e ruim, molhado continuamente d'essa chuva peneirada e miudinha, a tal chuva de mulher,— recebi um caprichoso involucro, acompanhado dos seguintes dizeres:

«Meu caro João,—

Como te prometti, envio-te o meu livro de versos, para, a respeito, emittires, com a maxima franqueza, tua opinião, seja qual fôr, bôa ou má. Não te esqueças de que nesse livro trabalho ha quasi 20 annos.

Agradece-te o amigo, etc.

Gustavo de V.»

Muito bem.

A' noite, espichado nos fios, uma vela ao lado, o cachimbo fumegando, abri o calhamaço do Gustavo. Eram cento e vinte folhas de papel diplomata, encerrando, em surprehen-

dente calligraphia, nada menos de oitenta inspirações.

Passei vista grossa por sobre as longas dedicatorias feitas pelo poeta a toda a sua geração, e, encommendando minh'alma ao Deus de Misericordia, me dispuz a lêr os hemistichios do vate.

Logo meus olhos se arregalaram pávidos, quasi desorbitados! A primeira poesia do Gustavo começava assim:

I

Quando a brisa da tarde cicia
entre as folhas do bello jardim
e desprendes a trança macia,
oh! que cheiro de jasmim!

II

Quando brilhas na pompa da festa,
como um rútilo sol no zenith,
eu fico a scismar commigo...
        bato na testa,
        bato na testa e digo:
Ai se eu fôsse um colibri!

Este horror era datado de maio de 1886. Passei á ultima producção. Data — 14 de outubro de 1906.

Outra vez, olhos arregalados e pávidos. Gustavo, 20 annos após aquelle attentado, era o mesmo vate, era o mesmo scelerado; sua musa era a mesma lombriga; seu estro a mesma calamidade, cada vez mais untado de banha de porco rançosa.

E' esta a ultima estrophe do livro de Gustavo:

. . . .

XXI

Quero, quero morrer á sombra amena
da laranjeira em flôr,
doce morena,
de passo leve,
de bôcca breve,
SEIOS DE NEVE,
meu casto amor!

Que proporiam os senhores, no genero — castigo barbaro — para o poeta da *doce morena de seios de neve?*

Certamente um patibulo.

Pois fiquem sabendo que o sr. Gustavo de V., distinctamente estimado no *smart* belemense (que vem a ser *smart?*) é um correctissimo cavalheiro, exemplar chefe de familia e glorioso progenitor de tres pequenas rijas e d'um desempenado rapazote — o Quincas, do Club do Remo.

Gustavo — affirmam quantos o conhecem, — é d'uma dedicação soberba a dona Candinha, sua digna esposa. Jámais falseou os deveres conjugaes, e não ha quem lhe saiba de furores eroticos.

— *E a morena de seios de neve?*

***

O governo do paiz, para socego de todos e felicidade e progresso d'esta gloriosa nação, devia arranjar um decreto ou coisa que o valha, mais ou menos d'este teor:

«Todo brasileiro que, depois de completar 6 annos de edade, perpetrar versos em qualquer paragem do territorio nacional, soffrerá, sem appello nem aggravo, as seguintes penas.

Minima — Esquartejamento na via publica:

Maxima — Leitura, durante meia hora, dos linguados de monsenhor Mancio Caetano.

*
* *

E' este o meio unico de devastar a praga. Deixem ficar apenas, mediante o pagamento de um imposto razoavel, o sr. de Paranapiacaba, porque é reliquia, e o sr. Mucio Teixeira, porque é frade.

*
* *

Ora vejam que espectaculo maravilhoso: D'um lado, os prodigios da electricidade, as grandes descobertas, a vertigem da sciencia, o telegrapho sem fio, os problemas industriaes e agricolas, a jurisprudencia, a cabeça de mestre Ruy — um mundo sem equilibrio; as revoluções sociaes, as artes nobres, o homem assombrado deante do radium; Santos Dumont elevando-se no seu aeroplano por sobre Paris em delirio; do outro lado... nossas terras incultas, e o poeta, isto é, Gustavo, sadío e forte como um tronco de acapú, querendo morrer á sombra amena da laranjeira em flôr, e babando-se todo por uma

doce morena
de passo leve,
de bôcca breve,
seios de neve...

Eu nada tenho com isto.

Façam-me, entretanto, o favor de dizer se isto é sério!...

P. S. — Se o sr. Gustavo não mandar buscar o seu livro hoje, até ás 3 horas da tarde, póde ficar certo de que o mesmo será reduzido a cinzas. Queimo-o!

VII

AJOR.—Començo estes gatafunhos sem um assumpto ajustavel aos ligeiros moldes d'esta miserrima secção, que eu escrevo e, ao dia seguinte, me fallece a audacia para lêr. Entretanto, assumptos não faltam, interessantes e supimpas. Ha-os, por ahi afóra, acotovellando a gente, desafiando gulas e provocando indigestões litterarias,—nos bondes, nos botequins, nas barbearias, no meio da rua, de portas a dentro...

Havê, hai; mas, para o desgraçado escrevinhador que os celebrasse em lettra de fôrma, ai, meu caro Major! quanto cacete homicida, quanto nariz torcido, quanta catastrophe, quanta tijolada, quanta infamia, quanto olho esgazeado e feroz, fuzilando raivas e odios, e quantas volumosas ponderações!...

O que nos vale—e digamol-o com gaudio—é que essas ponderações jámais deslustrarão o polido rutilo ou quebrarão os dezoito quilates das produzidas e lançadas ao espirito do seculo pelo notado philosopho paraense, sr. coronel Emiliano Frade.

Assumptos ha, meu caro Major; imagine, porém, v. s. que eu galfarro um d'elles pela orelha e escrevo mais ou menos isto: — Uma d'estas noites, como o calor do inferno me derretesse as enxundias, sahi e fui refrescar trombas e guelas deante do mais acreditado, do mais concorrido e mais bello estabelecimento belemense, o Café da Paz. Abanquei-me. Pedi um chope. A meu lado, o França e o Canedo, ambos *in albis*, discutiam amigavelmente principios e bases de philosophia theatral.

Defronte — um sympathico cavalheiro, de bigodes furiosos, juntinho d'uma senhora esvelta e vermelhaça, que equilibrava no toucado um absurdo de palha, por sobre o qual artista scelerada espalhara as azas mortas e sêccas d'uma pomba infeliz.

Passou um empregado perto do cavalheiro.

— Meu chope, senhor, meu chope! Oh!...

— Spettati, signore, spettati...

Eu, não estando pelos *spettati*, rodei para o El-Dorado. Logo á *borboleta*, um desbragado filho da terra illustre do Campeador ameaçava um individuo meio chumbado que, de passagem, lhe fizera um gesto energico e feio:

— Perro! não fuera estar em scena una distinguida patricia mia, primera cantora del mundo, eu ti faria tragar, como se fuera una minhoca, esta banca, esta borboleta, estas grades, todos los espectadores... Caramba!...

O theatrinho regorgitava.

O sr. *Ponto* e a sra. *Virgula*, artistas italianos, traduziam, com certo furor, um maxixe da *Capital Federal*. Troavam bravos e palmas. Cahiam chapéos no palco. D'um camarote, o olho fino e experiente do Salter observava o meio... O Soares approximou-se de mim, sorrindo, radiante... Offereceu-me cerveja e elogiou a arte nacional.

Sahi.

O cavalheiro a que alludi berrava escandalosamente para o empregado estarrecido:

—Não quero mais! Não quero mais! Isto é um escandalo! Ha duas horas que espero um chope e um bonde! Irra!

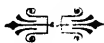
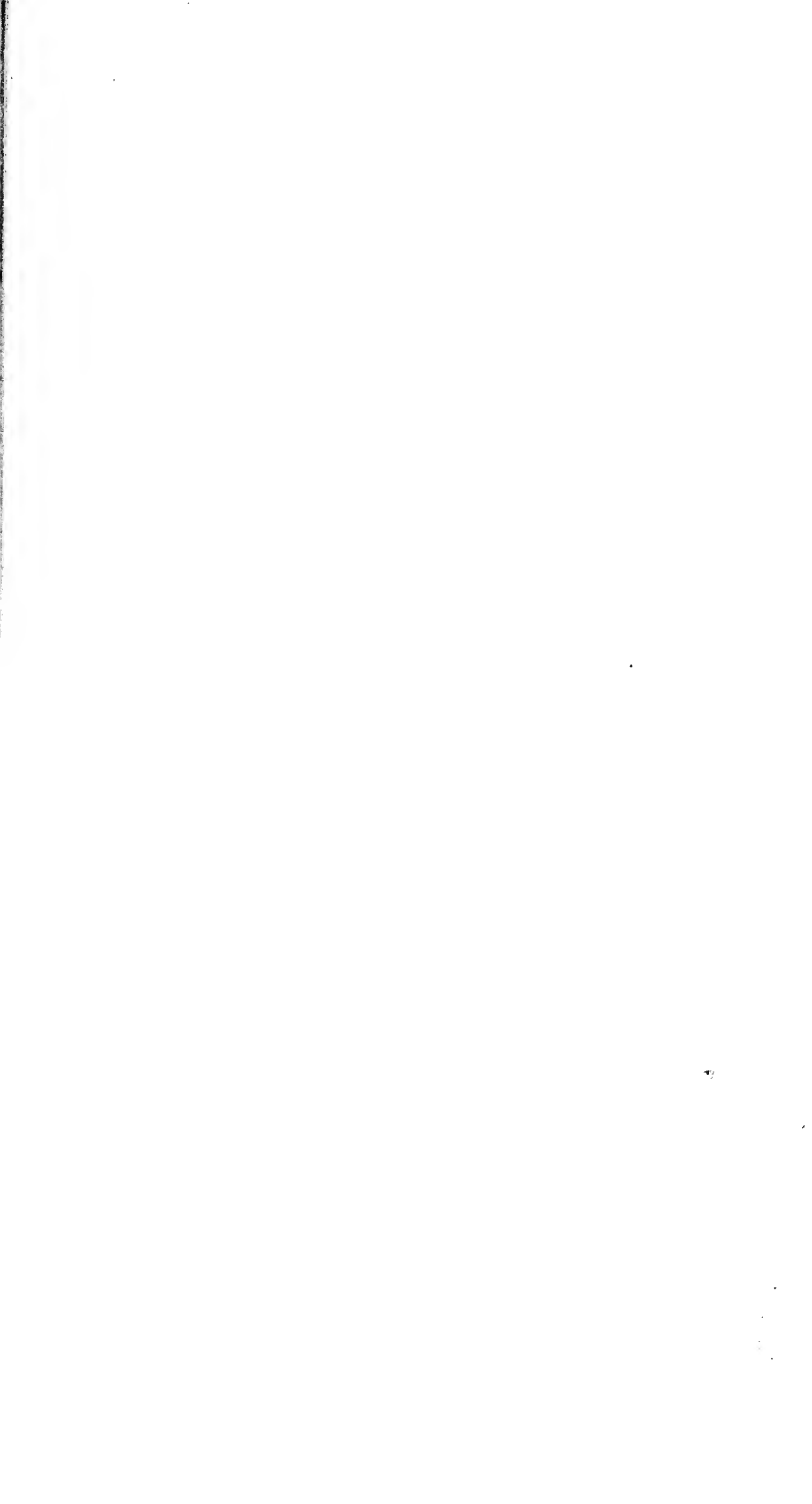
—Ma, signore...

—Suma-se!

E, retorcendo damnadamente o bigode enristado como o do Armando Duval em dia de grande gala, entrou numa carruagem com a senhora esvelta e vermelhaça...

Ora, se eu escresse isto, tinhamos dois srs. indignados: o dono do mais acreditado e mais concorrido estabelecimento de Belem, porque... etc., e o Soares... porque elogiou a arte nacional...

Assumptos não faltam: a festa no Mosqueiro com todas as constipações e as elegancias supremas do Moraes e dos *sportsmen* Mariz e Arthur Silva; a bizarra senhora que deu á luz um jacaré lá p'r'as bandas do Marco; as birras de certo monsenhor; a senhorita que, acossada pela canicula, bateu as azas nitidas e foi refrescar nas praias alvas do Chapéo Virado; os srs. da Pará Electric fazendo vista grossa a umas tantas medidas da intendencia, como se isto fôsse coisa sómente para o *Kilometro* vêr. Tudo muito bom; MAS...

E' o caso agora do sr. Major me perguntar: Mas... que tenho eu com isto?

VIII

D'um momento para outro, tudo póde mudar. (Cons. Accacio — Obras Completas, ultima edição, na livraria Alfacinha.)

E' o caso que eu amanheci com uns pensares alegres e finos; umas idéas leves e risonhas, com azas de borboletas; a alma serena e clara, limpida e azul como uma correnteza muito suave, reflectindo um pedaço purissimo de céo... Ao banho, a agua fria cantou-me deliciosamente na carcassa; o meu querido *Reuter* desprendeu das roseas entranhas uns aromas nunca d'antes cheirados, e eu cantei:

Sou carioca
De coração...

Bebi café sem assucar. Um nectar. Accendi o cachimbo. Um sarro imprevisto ardeu-me nos gorgomilhos. Oh! que coisa adoravel é sarro de cachimbo nos gorgomilhos da gente! Uma linda senhorita, minha vizinha e minha amiga, mandou-me, com 8 phrases que me desconjuntaram, uma duzia de cajús frescos, polpudos, majestosos.

Agradeci-lhe em duas folhas de papel. (Creio que a pobre menina chorou). Não tenho nada com isto. O caso é que minha alegria desbordava:

Sou carioca
De coração...

e meus pensamentos, bonitos e celeres, galopavam por ahi afóra como ginetes brancos. Cheguei á janella. Tudo cantava, sorria tudo. Nunca o sol esbanjou oiro tão fino, nem as frondes murmuraram tanto.

Eram nedios e tinham um ar muito intelligente os burros da Electric. Os conductores de bondes, a meu vêr, aprimoravam-se em delicadezas assim:

—O cavalheiro queira me desculpar: tem aqui um vintem de troco.

—V. exc. enganou-se, queira desculpar: essa creança não paga passagem.

—O cavalheiro faça o obsequio de ter cuidado na curva.

—Não tenho troco: o cavalheiro pagará noutra viagem.

Um velho pediu-me esmola. Entreguei-lhe galhardamente os 1$500 de minha cerveja preta.

Um pequeno da vizinhança, ao passar correndo, atraz d'um cachorro, escorregou numa casca de manga e cahiu.

Levantei-o com a possivel presteza, dei-lhe um copo d'agua e um cajú O avô do pirralho veiu agradecer-me a gentileza com um abraço. Appliquei-lhe outro. O velho deu um guincho. Coitado! Eu não tinha nada com isso. Abri os jornaes do dia. Nem um incendio, nem um naufragio, nem uma facada, nem um tiro, nem uma sessão litteraria, nem uma catastrophe, nem um periodo de monsenhor Mancio, nem um verso do sr. Santos, nem um caso de peste bubonica!... Almocei caranguejos, dos bons, dos gordos, da terra do poeta João Arnulpho

Depois, mergulhei num somno como se mergulhasse no céo.

*

Bateram-me á porta.

Dou de cara com um pretalhaço e uma conta. O charuto ficou de voltar e eu fiquei com uma ruga n'alma: já não era a mesma — limpida e azul como uma correnteza muito suave reflectindo um pedaço purissimo do céo.

— Pá-pá-pá!

Outra conta e outra ruga n'alma.

Estava na rua a procissão dos cadaveres mensaes.

*

Ao entardecer, minh'alma absolutamente não era aquella, limpida e azul como uma correnteza (vide periodos trazeiros): a pobre de minh'alma (quem não chorará ao lêr isto?) tinha mais rugas do que testa de onça e eu... nem um nicolau!

Sahi, fuzilando protervias, dardejando indignações.

A' praça Republica, sentado num banco, o velho a quem eu dera a esmola derreava-se todo para uma preta arredondada, de fita azul ao pescoço e dente d'alho espetado a grampo na carapinha insubmissa.

Tive impetos de, com a patrulha, exigir-lhe os meus mil e quinhentos.

Limitei-me, entretanto, a contar o extranho caso ao Foreliza, que passava, de pisada miudinha e olho tragico, e ao meu amigo sr. Barreira, que se isolára nostalgico á frente do mais acreditado, mais concorrido, mais asseiado e até mais fresco estabelecimento de Belém.

*

Noutro ponto, um quadro triste. Esbandalhada na poeira, aos berros e corcovos, immun-

das as vestes caras e finas, machucado o chapéo elegante e novo, — uma creatura de Deus escabujava deante d'uma idiota multidão que se deliciava ao lobrigar, de vez em vez, uns trechos de perna alva e roliça.

*

Bemdito sejas tu, ó Soares do El-Dorado, que nesse momento afflictivo me levantaste a alma com a alavanca irresistivel d'uma cerveja preta e uns conceitos rheumaticos sobre a arte nacional.

*

D'um momento para outro, tudo póde mudar.—(Cons. Accacio — Obras completas — ultima edição, na livraria Alfacinha).

Mas, afinal de contas, que tenho eu com isto?

IX

No mais ameno recanto do glorioso Piauhy,— muito cheio de rumorêjos de frondes, mugidos de vaccas, berros de bodes eroticos e choros de correntezas, Symphronio Marques Pompeu, senhor de enviezadas lettras, mas energico até á bala de bacamarte, irradiava gósos de corpo e alma, expansivo e feliz, no cultivo da terra maravilhosa e na alegria forte das vaquejadas — delicioso genero de *sport* que, por milagre, não foi aqui introduzido de par com o deliciosissimo *foot-ball.*

Assim vivia Symphronio Marques Pompeu, o excellente sertanejo, orgulhoso da sua égua castanha e dos rebentos de suas manivas, de todo alheio á jurisprudencia do dr. Ruy Barbosa, aos surtos do sr. Santos Dumont, ao esplendor philologico do dr. Laudelino, á peste bubonica e á caixa de conversão.

Pompeu tinha apenas duas preoccupações sisudas: uma — a semente; outra — a vacca.

Um dia, manhã entreaberta, mal Pompeu acabava de ordenhar os uberes apojados, ainda

de ventas accesas ao cheiro sadío do leite alvo e espumejante nas cuias largas, quando lhe foi entregue uma carta, occorrencia rarissima naquellas paragens deleitosas.

Com algum esforço, Symphronio conseguiu apprehender o conteúdo da missiva, e logo em sua face ampla e aberta se estampou o assombro que elle só experimentava quando as pintadas ferozes urravam proximo, ou alguma cascavel bravía chocalhava á porteira do curral.

Acontecera isto: um parente de Pompeu, eleito governador de Estado, chamava-o a toda pressa para o seu lado illustre. «Aquillo alli, no Piauhy, não tinha futuro. Sempre as mesmas coisas: o boi, o bóde e a maniva. Deves vir quanto antes. Garanto-te, em menos de um anno, quinhentos contos. Tórra isso e vem. Tens dez contos para a viagem, na casa Vieira & C.ª, da capital. Telegrapha. E não te digo mais nada.— *Fileto.*»

*
* *

Pompeu, ao termo de quinze dias, postos em ordem os seus negocios, telegraphou ao alcandorado parente e amigo—«Ahi vou.»

E foi.

*
* *

Como s. exc. não pudesse ir a bordo, encarregou da recepção, com cuidados carinhosissimos, o seu cunhado e amigo, dr. Gomes, chefe de policia.

S. s. entrou no navio e cahiu nos braços robustos de Pompeu. Chamou a ordenança.

—Veja a bagagem d'este homem. Leve-o para lá. Diga ao cabo que o trate muito bem e o accommóde no melhor quarto. Entendeu? Eu já appareço.

O sertanejo murmurou umas coisas indistinctas e tomou um bote, com a praça, des-

cançando as gambias numa pequena mala — a sua bagagem.

O dr. Gomes, do alto da escada, magnifico e elegante, reiterou a recommendação á ordenança: Muito bem tratado, hein? Tudo corre por minha conta.

— Xim, xinhori — rosnou enfezado o catraeiro...

S. s. olhou-o rancorosamente e travou palestra com uma portentosa morena d'olhos ardentes e curvas allucinadoras.

* * *

Desembarcado, falou Pompeu para a ordenança:

— Mande levá o bahú.

O soldado formalizou-se e, affrontando Pompeu com um olhar duro e insolente:

— O qui é? Você tá é besta.

— Besta?! E você sabe quem sô eu, cabra desgraçado? Antão você não uviu a arrecommendação do doutô chefe?

— E' pru isso mesmo, e não quero cunversa.

O'i, fique sabendo, eu sô parente do gunvernadó, e se você começá cum historа, tá no matto!

— Dexemo de lambança. Pegue a mala, bóte na cabeça e vamo simbora; senão é pió.

— Você tá é bêbo! Eu não fui carregadô quando era pobre... quanto mais agora...

A ordenança desembainhou o chanfalho:

— Se não vae pru bem, vae pru má...

— Eu conto ao gunvernadô!

— Pegue já no troço e bóte na cabeça; senão, apito, vem os outro e o fandango começa logo aqui mesmo.

Pompeu suava frio. Relanceou o olho vivo pela polida lamina rutilante, lembrou-se do seu bacamarte, da sua égua... e poz a mala ao hombro e lá se foi acompanhado da praça, preso pela primeira vez na sua vida...

***

Na chefatura de policia, horas depois:

Dr. Gomes—Cabo, você recebeu aqui um homem recommendado por mim?

— Sim, sinhô. A mode qui é inté meio gira. Diz qui é parente do home...

—Está bem accommodado?

—Sim, sinhô.

—Tem sido bem tratado?

—Ora, ora! Já pegou 4 duza de bolo e d'aqui a pouco, segue a passeata inté inteirá ua groza. Tamém é cada pinote...

Dr. Gomes, *confuso e indignado:* —Que horror! Que horror! Onde está o homem?

—Tá lá, seu dotô chefe.

—Lá onde, bandido?

—Mas onde é qui hai de sê, seu dotô chefe? O home tá no xadrei! V. s. não mandô dizê qui tratasse bem d'elle? Apanhou qui nem boi ladrão. Era a orde...

***

Em palacio. Dia seguinte:

Governador — Mas então, seu Gomes, que é do Pompeu? Desde hontem que chegou e eu ainda não tive o prazer de o abraçar. Esse rapaz é um dos meus amigos de infancia e eu quero protegel-o.

Dr. Gomes—Homem, você me perdôe...

S. Exc.—Já sei; não foi a bordo! Você, você...

—Não é isso: deu-se uma dos diabos...

—Ahn?!

—Eis a explicação. Eu costumo, quando quero castigar um coati qualquer, mandar dizer ao cabo da guarda *que o trate muito bem.* Este *o trate muito bem* é o bolo a valer... Ora, eu não pude acompanhar o Pompeu; e, pela minha ordenança, que ia com elle, man-

dei recommendar que o tratassem *muito bem*...

—E então...

—Interpretaram mal...

—E Pompeu... Sr. Souza, retire-se de minha presença!... Não o demitto já, porque...

—Mas escute...

—Suma-se! Eu devia era mandar fazer-lhe o mesmo que fizeram ao Pompeu! Você... você... Suma-se!... Isto é horrivel!...

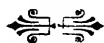
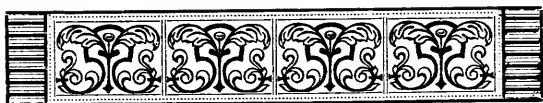
No primeiro navio, o pobre sertanejo regressava a sua terra, ao seu recanto ameno, com alguns contos de réis... para não dizer nada a ninguem...

*
* *

Isto é um facto absolutamente authentico, ha poucos annos occorrido na terra brilhante dos Barés e dos Manaus.

*
* *

Mas, afinal de contas, que tenho eu com isto?

X

Eu, escriba vagabundo, de grossas e curtas lettras, creio que aos meus intrepidos leitores não direi coisa de vulto nem de assombro, affirmando-lhes, d'alma ás escancaras, que de philologia apenas conheço o verde e sordido animalejo—a gia, parenta proxima da rã, bicho illustre e precursor d'essas maravilhas estupendas que são o glorioso raio X e o telegrapho sem fio.

Alguem, annos atraz, como eu defendesse um bacharel em direito que, naturalmente por usar quatro oculos, escrevera a difficil palavra—*informação*—com dois *ff* e dois *mm*—cahiu a fundo na minha petrea ignorancia e, quasi a pau, me concitou á leitura das grammaticas dos srs. Julio e João Ribeiro.

Respondi-lhe de murro armado:—Não lia absolutamente.

—Animal immundo! Lê então *A Carne*, do Julio; lê as traducções de Heine, do João.

Eu também não lia traducções.

Entretanto, devorei *A Carne*.

—Que tal? perguntou-me o Duarte um dia depois.

— Caxingó.

E ficamos inimigos até hontem, quando recebi um commovente postal de coiro, em que o meu bizarro Duarte me enviava de Pernambuco, onde é aureolado educador, os «seus melhores augurios pela minha felicidade no anno entrante». Deus te pague, Duarte.

A alma damnada que engendrou a tal philologia, com a tal collocação de pronomes e um *que* attrahindo um *se* como o cururú attrae um papa-capim, foi, sem duvida, o mesmo espirito diabolico que inventou a forca, o verde Paris, os espetos da inquisição e o romance chamado *O Regimento 145*.

Conheci um philologo. Antes de o ser, isto é, antes d'esse tremendo desastre, era o Laurentino um rapaz alegre e trocista como um sanhassú, forte e agil como um cavallo arabe.

Talento malleavel e sólido, tanto se distinguia na tribuna como no verso e no artigo de polemica. Lia Petronio e Shakespeare no original e traduzia La-Fontaine como jámais o fez o sr. de Paranapiacaba.

Metteu-se a philologo (com perdão do dr. Laudelino) e, em pouco tempo — infortunado rapaz! — ninguem reconhecia no meu amigo aquelle rapagão alegre e trocista como um sanhassú, forte e agil como um cavallo arabe,

Laurentino estava magro como o diabo; nos olhos, então fulgurantes e vivos, tinha toda a vaga e tristissima expressão do idiotismo; de quando em quando, lhe cahia o beiço inferior, imbecilmente.

— Como vaes?

Laurentino transfigurou-se de repente e, erguendo-se tremulo nas gambias finas:

— Erraste! erraste! Santo Deus! *Como vaes?* é a segunda pessôa do plural do presente do subjunctivo do verbo commover!

Ia abalar assombrado.

Laurentino obrigou-me a ficar. Entrou no seu gabinete de estudo. Voltou, logo depois, sorridente, trazendo um enorme rolo de papel e uma cesta de costura.

—Vês? Esta papelada é a minha grammatica... Resolvi todas as questões de philologia. Depois do Coruja, eu...

— Bem. E essa cesta?

— Aqui tenho eu os vestidinhos que faço para as bonecas das pequenas.

Pobre amigo! Morreu doido.

O philologo, afinal de contas, é monomaniaco.

Se está ao lado d'um moribundo e o infeliz implora:—Me acudam... pelo amor... de Deus! — o philologo pula indignado e é muito capaz de desancar o enfermo porque... «collocou o pronome no principio da phrase».

Por isso, não irá s. s. ao enterro nem dará pezames á familia do sendeiro.

Vae s. s. ouvir um discurso. O orador, alcandorado no seu estro, empolga durante duas ou tres horas um auditorio que não é de zebras. Ao fim da oração brilhante, todos applaudem com enthusiasmo.

Todos, não; porque, a um canto, de cabeça baixa, macambuzio, verás um individuo rosnando contra o emprego d'um adjectivo que, apesar de correcto, não ficou bem... Esse cabuloso é o philologo.

O poeta faz rebrilhar em alexandrinos perfeitos uma idéa magnifica... Vem o philologo, applica o olho sabio e acha ruim... porque, em certo hemistichio, o auctor da pinoia, em vez de ponto e virgula, pingou dois pontos...

O Rodrigues do Valle referiu-me o caso d'um philologo que deixou de almoçar num

conhecido restaurante belemense, porque do cardapio constava—XORRASCO CON FAROFFA.

*
* *

Mais engraçado que tudo isso é o olho philologico pelos jornaes diarios. Nada escapa. E como, na exhibição de tanta pilheria adoravel, se inventam vocabulos e phrases anavalhadas para os pobres escrevinhadores da imprensa!

O jornal é feito ás pressas, ao correr da penna. (*Hist. Univ., vol. 4.º*)

O philologo acorda cedo, areia os dentes, toma seu semicupio, passa orisa pela grenha, corre os dedos ageis pelo teclado eburneo do piano... cae na maquêra, abre o jornal... e ao fim de 20 dias, temos marretada porque, no numero tanto d'A PROVINCIA, *diversa* tal, não se fez uma concordancia impeccavel...

*
* *

Imaginem agora os senhores um cidadão d'esse calibre na redacção d'um orgão.— O philologo está de plantão. A 1 hora da madrugada, chega o reporter policial com uma noticia: —«O individuo tal, preso hontem á tarde, quando jogava *vermelhinha*...»

– Vermelhinha! Não conheço esse vocabulo...

Immediatamente s. s. mandará á casa buscar os seus doutos diccionarios e os esmiuçará...

Dando-se o caso que os sabios diccionarios de s. s. ignorem o que seja *vermelhinha*, s. s. apurará toda a sua philologia... para descobrir, no dia seguinte, já o jornal na rua, que *vermelhinha* é... um jogo de vagabundos...

E s. s. terá de aguentar a responsabilidade do furo!

*
* *

«Horacio, generoso como era, concedia aos poetas o direito de suicidar-se : *sit jus liceatque perire poetis.*

Este direito, creio, mètaphoricamente se deve conceder também aos... philologos...

*
* *

Mas, afinal de contas, que tenho eu com isto ?

XI

Dos animaes da creação, incluindo o orador funebre e a cobra d'agua, estou em crêr que o mais ridiculo é a mulher dada a litteratices e heroismos — disse eu a Anastacio Capivara — a proposito d'um elogio-critico á sr.ª Ignez Sabino, inserto, já não me lembra em que jornal, aberto sobre uma das bancas do Manduca.

Anastacio é um individuo extraordinario, typo singularissimo no qual, não sei porque mysteriosas forças, se alliam paciencias de gaioleiro e colleccionador de sellos e as tendencias para anarchista feroz: o sello, o furador e a bomba! D'um lado, um album artistico, salpicado de pequeninos quadros polychromos e a gaiola; d'outro: homens e mulheres, bichos e creanças, majestades e azemolas, de cabeças e braços partidos pelas machinas infernaes.

E' assim o meu querido Anastacio Capivara.

Áquellas minhas palavras, isto é — que, dos animaes da creação, incluindo o orador fune-

bre e a cobra d'agua, o mais ridiculo é a mulher dada a litteratices e heroismos — Anastacio atirou ás guelas o vermouth francez e bradou:

—Ridiculas! As senhoras litteratas ridiculas! Isto não é sómente barbaro e selvagem—é imbecil! E Georges Sand, meu Deus!

— Uma.

— ... e... e... e... dona Maria Amalia Vaz de Carvalho! e... e... Carmen Sylva, minha nossa senhora! e Maria da Fonte! e Annita Garibaldi!...

— Então, não conheces homens do sexo feminino e mulheres do sexo masculino? Que me dizes tu de Carlota Corday?

— Uma heroina...

— E de Heliogabalo?

— Oh!...

— Que dizes tu de Francisca Julia?

— Digo que é um genio!...

— E do sr. Hermeto Lima?

— Oh!... Oh!...

— De Clara Camarão?

— Uma damnada...

— E do cidadão que revira para o céo os olhos marejados egeme:

> Se eu tenho de morrer na flôr dos annos
> Meu Deus, não seja já.
> Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
> Cantar o sabiá!

...?

— Sim; mas Francisca Julia, Carlota Corday, Georges Sand, Maria Amalia, são ou não mulheres?

— *Machas*, seu compadre. E Heliogabalo, Nero e coatis similhantes, que você conhece muito bem...

— Livra!

— ... são homens *femeos*. Mulheres pro-

priamente ditas restringem-se ao corpete e á anagua; a um vestido ou chapéo da moda e aos affazeres domesticos, — bella e encantadora sciencia polarizada na caçarola e no berço. Ouviste, bruto?

— E o espirito da creança?

— A' mãe cabe sómente um dever, mais difficil de cumprir que combater selvagens, collocar pronomes, traduzir Dante ou interpretar as coisas japonezas do sr. Luiz Guimarães, filho: esse dever consiste em bem formar o coração do pirralho.

— Mas o resto? o resto?

— O resto és tu, sou eu, é o Manduca; o resto é o infinito, o resto é a *têlha* de cada um e é o mundo.

— Tudo isso é asneira.

— Olha. Quem ensinou metrificação a Virgilio? Com certeza, não foste tu. Quem ensinou a Napoleão traçar planos de combate? Creio que não foi tua avó. E Shakepeare e Cervantes e Zola e Edison e Santos Dumont? Quem te ensinou a fazer gaiolas?

— Lá isso é verdade. Eu tenho geito p'ra coisa; depois, a necessidade...; é isto mesmo; mas eu acho que a mulher deve ser muito instruida. Eu, pelo menos...

— Ignorante e anarchista...

— Deixa-me!... eu, pelo menos...

— Gaioleiro e incendiario...

— Com os diabos!... eu, pelo menos, só me casarei com uma pequena que fale bem francez e latim, saiba fazer versos, escrever para os jornaes, contar historias... Que coisa bonita uma senhora no tribunal!

— De béca, falando dez minutos para o nobre orgão da justiça publica e cahindo com um chilique... porque o seu estado «é interessante», mui interessante mesmo.

— Mas, quando estão assim, não vão lá...

— E o compromisso? O arame recebido e gasto no enxoval do animalzinho?

—Não sei. Commigo é isto: menina que saiba francez e latim, escreva para os jornaes...

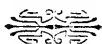
—Etc., etc.... E tuas ceroulas? E o feijão?

—Isso? Hom'essa! Isso eu sei fazer muito bem!

Pobre Anastacio Capivara!

*

Mas, afinal de contas, que tenho eu com isto?

XII

Eu—porque mentir, incorrendo nas iras do céo e provocando pinchos a Satanaz?—eu confesso covardemente: soffro o maior dos respeitos pelos illustres srs. bachareis e pelos illustres srs. esculapios,—desde o dr. Francisco Chateaubriand, da Floresta dos Leões, até ao ultimo alveitar de Freixo d'Espada-a-Cinta.

Deante d'um advogado (perdôem-me os drs. Tito e Elyseu), todo o meu sêr pauperrimo se contrae miseravelmente em calafrios de sezões e morte. Dentro d'aquelle craneo referve dia e noite uma feijoada de Institutas, Ordenações do Reino, Corpus Juris, artigos do Codigo Penal (livro sério!) interminaveis textos em latim durissimo, ensinamentos d'um portuguez chamado Lobão, embargos, aggravos, appellações, provas, audiencias, formularios e taboadas de multiplicar; aquella dextra bem cuidada ou de unhas vorazmente roídas, é a mão fatidica que traça, architecta e encadêa os tremendos *provarás* com os infalliveis *porque*, *entretanto*, *sendo assim*, *mas*, *isto posto*,

todavia, *pois*, *ainda*, *consequentemente*, *afinal*, *P. R. C. J. P. P. N. N. e C.* etc., etc.; d'aquella boquinha tanto brotam os tropos flammejantes em defeza do mais deslavado gatuno como as apostrophes em braza chiando no coiro dos miseros innocentes (este pedacinho está bom); aquelles olhos, nús ou armados d'oculos graves, já se apertaram attentos e se arregalaram deslumbrados á leitura dos *habeas-corpus* e dos massiços linguados de mestre Ruy.

Dos esculapios, então, que direi eu, com o perdão do illustre dr. Oscar e d'esse sabio modesto e risonho que é Antonio Figueiredo? Não digo nada. São todos umas creaturas excellentes, anjos illuminados, descidos do céo para o summo bem da humanidade pôdre, gaudio dos armadores funereos e engrandecimento das necropoles.

Respeito profundamente todos os esculapios, mesmo os homopathas, inoffensivos, com o favor de Deus.

Não sou medroso nem me assombro facilmente, porque, graças ao céo, possuo gambias resistentes e velozes; mas, deante d'um bisturi ou d'um sinapismo... bumba! fico p'r'alli, a suar frio, quasi moribundo.

Vão lá saber as proezas exactas d'aquelle delicado ferrinho que o filho da Sciencia, a sorrir, aperta entre os gadanhos sabios, prompto para o delicto!

Conheci um galeno que tomou o pulso a um doente, fez uma carêta, mandou continuar com o mesmo remedio e, como residisse longe, deixou o attestado de obito.

O condemnado ficou bom.

Respeito-os com tremuras, como com tremuras respeito os srs. do Direito.

Eu tenho intimidade com capitalistas, desde o Manduca do Café até ao Lima da Perfumaria; dou-me bem com os padres, sachristães, jornalistas, commandantes de navios, politi-

cos, commerciantes, funccíonarios publicos, escrivães, seringueiros arrebentados, prestidigitadores, musicos, photographos, carregadores, etc., etc., etc. Com um filho do Direito ou com um discipulo de Hypocrates, não senhor.

E' o caso que eu fui apresentado a um juiz do interior, que me pareceu magro, moreno-pallido, de bigode incipiente e frondosa cabelleira.

Tomamos cerveja, e creio que trocámos algumas palavras — as minhas, medrosas, imbecis; as d'elle, martelladas, bonitas, alarmantes...

Tempos depois, vejo na banca do Major um sobrescripto ao juiz com quem eu, semanas antes, tomara cerveja.

Mais tarde, entro na Secção de Obras e deparo um moço que me pareceu magro, moreno-pallido, de bigode incipiente...

— Ha uma carta para o sr. dr., lá em cima.

— Para mim?

— Sim, senhor.

— Obrigado.

*

S. s. subiu, minutos após o meu officioso dizer. Palestrou um pouco.

— E a carta?

— Está na banca do Major, dr.

O Major — Sim, aqui ha uma carta, mas endereçada ao juiz substituto em...

Eu — Então o sr. dr....

Dr. — O sr. naturalmente se enganou...

Major — Este é o dr. Oswaldo Barbosa, medico...

Observei então que s. s. tinha presa ao collete uma radiosa corrente d'oiro, com medalha e pedras finas... Não podia absolutamente ser o dr. Carlos Pontes!

E esta?!...

*

O illustre moço não perdeu, entretanto, seu tempo preciosissimo. Choveu, e, emquanto a chuva não cessou, s. s. teve a bella opportunidade de palestrar sobre medicina legal com o excelso cantor de Dona Ritta...

*

Em todo caso, que tenho eu com isto?

XIII

HA tres ou quatro dias, na Redacção d'este jornal, onde me supportam não sei porque, escrevinhava eu, com o possivel rancôr, uma noticia policial, penosamente arrancada a umas notas sibyllinas do sr. repórter Julio Lacerda... No momento desafogado e alegre em que eu ia pingar o ponto final na embrulhada coisa, chegam-se a mim dois sympathicos jovens: um, robusto, sadío, desempenado, fronte rasgada, cabeçudo, olhos rútilos; outro, pallido, magro, de olhar fino...

O primeiro deu-se a conhecer: era o Oswaldo, gloriosamente bacharelado pela Faculdade do Recife...

Vira-o eu pirralhinho, entre os joelhos de seu illustre pae, o Nilo Caeté, um dos mais modestos e fortes intellectuaes pernambucanos.

O outro...

De repente, começou a perpassar, rapida, pelo meu espirito, uma como fita cinematographica.

***

Senti-me na gloriosa e febril Goyanna de bravos e curiós, na redacção d'*A Reforma*. Pinto de Abreu, pernalto, d'olhos azues e sentimentaes, tracejando nervosamente, á tinta vermelha, objurgatorias rubras ao Conde d'Eu e á princeza; Araujo, filho, rabiscando perversamente a *Psychologia do Municipio*, que ainda estamos — eu e elle — por saber o que era; Narzeu Coitinho dardejando *triolets* furiosos; Antonio Gomes vibrando no editorial sanhudo; Candido Duarte derramando sua bella alma lyrica numas lindas estrophes abarrotadas de virgens e palmeiras; Alberto, Angelo Jordão, Orestes Brito e Barros Andrade, bons talentos,— e eu, imbecilmente anarchista e atheu, jungindo ao peloirinho de minha secção — Salpicos — desde o subdelegado — um bom bomem, senhores! até ao vigario da freguezia... Uma comedia minha, representada no theatro São Gabriel, creio eu; as defezas no jury, minhas sordidas poesias, a propaganda republicana, as gravatas vermelhas, os chapéos desabados, os revólveres tomados por emprestimo, os *fòras* trovejantes, se algum desabusado tinha a ousadia de tossir ou espirrar quando Silva Jardim falava; as versalhadas candentes que o illustre republicano ouvia horas a fio, sem pestanejar; os discursos incendiarios em cujas perorações era infallivel partir-se a loisa da campa de Nunes Machado, e a sombra augusta do infortunado desembargador deslisar por alli afóra, abençoando a heroica mocidade republicana...; as reuniões na loja do Joaquim Carneiro; os *meetings* no largo Frei Caneca, obrigados á Marselheza; nossas diatribes ao partido liberal, os boletins hediondos, as ordens de prisão contra nós... o meu compadre Chico Vianna, o vigario me processando pelo crime de injurias escriptas.... as *republicas* no Recife,

o odio que ás moças vizinhas infundiam minhas barretadas escandalosas; Francisco Maranhão, talentoso e d'altas gambias, academico e escrevente juramentado no cartorio do dr. Moreira Alves, provocando ataques de nervos ao moçame, quando recitava ao piano, os olhos semicerrados, a dextra espalmada no peito, a cabeça balançando tristemente:

«Lembras-te, Inah, d'essas noites
cheias de dôce harmonia,
quando a floresta gemia
do vento aos brandos açoites?...»

... Eurico Witruvio, nervoso e cheio de espirito; Machado Dias desancando com o seu pernil de pau a imbecilidade recifense; Domingos Magarinos, com os seus bellos olhos andaluzes, vendo podridão em tudo; Arthur Muniz, quasi jurisconsulto; minha paixão indomita pela cozinheira, a sra. Maria Especiosa dos Santos...

Depois, exames na Parahyba: o dr. Inojosa, solenne e magnifico, abrindo-me o seu grande coração generoso e desconfiando dos meus conhecimentos philologicos; o sr. dr. Paulo de Lacerda achando que me reprovar em francez era o maior acto de justiça que se praticaria na Parahyba; o dr. Mindello, amarello e careca, sorrindo triumphante quando lhe cahia nas garras um pobre cascabulho ignorante dos logarithmos ou dos limites da Australia e d'outras torpezas arithmeticas ou geographicas; Antonio Thomaz, lente de inglez, a estoirar de iras assanhadas pela «pronuncia guttural» do Augusto Camará; o dr. Cruz Cordeiro, glorioso e contestado auctor da *Passagem do Humaytá*, não admittindo *collas* nem escandalos; o Chico Altissimo vergando ao peso das commendas e medalhas; o professor Hamilton, mandando traçar um angulo e depois «abrir

as pernas»; o Salles Cobra d'agua; a oratoria soberba de dom Luiz da Silveira; a carranca do dr. Eugenio Toscano; Elyseu Cezar, esgrouviado, de gaforinha hostil, desengonçado num fraque ancentral, com ares de gafanhoto-prodigio, rimando a melhor estrophe, deslumbrando com o melhor discurso, fazendo a mais complicada carambola; minhas noites de bohemia, os banhos no Tambiá e uns olhos cheios de mel que toda a tarde me esperavam na rua da Areia... Depois, o Pilar, a acolhida fidalga na residencia do juiz de direito, o dr. Cunha Barreto, illustrado e nobre; os cavacos do commendador Umbellino; as pilherias do Sampaio e todo o carinho do illustre magistrado irradiando suavemente por sobre um bando de creanças muito alvas, orfãs da Santa que Deus levou...

***

Um d'esses pirralhos é hoje *o outro*, isto é, aquelle moço pallido e magro, d'olhar fino,—juiz substituto...

***

Dentro de alguns annos, Alberto e Oswaldo envergarão togas de altos representantes da justiça; Elyseu Cezar substituirá gloriosamente José do Patrocinio; Pinto de Abreu, fulgentissimo escriptor e vice-presidente do Congresso, passará a governador do Riogrande do Norte; Araujo, filho, eloquente e erudito, empolgará o forum de Manaus; Candido Duarte já é pedagogo insigne e dirige no Recife um modelar estabelecimento de ensino; Joaquim Carneiro e Angelo Jordão, quasi millionarios; Antonio Gomes, prestes a ser canonizado; Witruvio, Magarinos, Machado, todos gloriosos; Francisco Maranhão está alli, está ministro do Supremo Tribunal, e eu... e eu...

*
* *

... Ai, Maria Especiosa dos Santos, quanta saudade dos teus feijões duros, dos teus dentes claros e das tardes bellas em que, no Prado Pernambucano, victoriavas o teu cavallo predilecto, batendo as mãozinhas de unhas roídas e berrando com toda a força que te emprestava o vinho tinto:

— Viva o *Aribú!* Ganhou o *Aribú!* Viva!

*
* *

Mas, afinal de contas, que tenho eu com isto?

XIV

HA tempos, li num vaidoso compendio de moral ou numa das imprudentes fabulas amassadas pelo sr. de Paranapiacaba, que a inveja é um peccado mais feio... mais feio do que o Ignacio Bacalhau.

Estou em crêr que isto é uma verdade tão positiva e tremenda como o terremoto na Jamaica e tremeliques anteriores. Entretanto, eu, João do Canto, vexillario humilde d'este jornal, sinto, num recanto d'alma, como se fôra uma hedionda caranguejeira, certa dóse d'aquelle peccado feroz, que sómente nas mulheres deixa de ser aviltamento e desgraça...

*

Não é que eu inveje o fulgor do throno e os bigodes flavos do sr. Guilherme II, eriçados e hostis como os seus milhões de baionetas acatadas. Tambem não invejo a sorte do sr. Nicolau II, como não invejo o destino de nenhum mortal condemnado á forca ou a ficar reduzido a trapos, no meio da rua, por effeito d'um punhado de nitro-glycerina...

Não invejo o arame a rodo dos millionarios: são coatis de existencia atormentadissima: um é dyspeptico e não póde comer feijão nem beber chôpe; outro berra, de quando em quando, ás contracções dos tentaculos do cancro que lhe empolgou o estomago; aquelle está roído de lepra, este é pae ou esposo de creaturas muito adoraveis e distinctas, que fogem com os cocheiros ou creados... e raro é o coati d'aquella deslumbrante especie que, num rarissimo instante de repoiso espiritual, não pense com sympathias e lagrimas na vida simples dos lavradores e das vaccas.

Não invejo o soberano de Portugal, o bondoso dom Carlos, amigo de seus gloriosos subditos, da sua palheta e dos seus *sports:* esfuracam-lhe, de vez em vez, o regio throno os dardos implacaveis do Solitario de Barca d'Alva... Não invejo o miraculoso genio de Zola, os hemistichios do sr. Rostand, a philologia dos drs. Paulino e Laudelino, o passo inglez e o estylo auri-lavrado do Celso, o estro do Alves, o miolo do Major, o sr. Santos Dumont, os trinta annos e o triennio juridico do Domiciano Cardoso, as victorias do Japão, as *interviews* do Andrade, a bizarria florida e careca do dr. Alberto, a elegancia do Danin e as gambias do nosso Marialva, a faiscação do Carlos, a oratoria e os balandraus do Elyseu, o olhar agudo e o nariz idem do Licinio, a cabelleira e as rimas de José Chaves, a verruga inspiradora de Reis Carvalho.

Não invejo, finalmente, a caixa d'agua e os bigodes do dr. Bolonha, a erudição e os oculos do sr. coronel Lamartine, as photographias do Pindobussú, a sciencia do dr. Antonio Figueiredo, a vivacidade do Agostinho, a tracção electrica, a eloquencia do Benjamin, a bigodeira e as phantasias do Paiva (o Catulle Mendés paraense), o rheumatismo do Soares e as chronicas e os versos e o toitiço abbacial do sublime cantor de Dona Ritta...

Nada d'isto eu invejo: os thronos se afundam, os poderios caem, o oiro dos millionarios derrete-se nas emprezas, a belleza encarquilha, o talento cança, o valor esfria, as victorias passam, a caixa d'agua enferruja...

*

Toda minha inveja, profunda, radicada, sincera, é pela satisfacção plena, pela alegria esplendente e pelo gaudio supremo com que uns tantos pobres diabos, despindo os farrapos miseraveis, fazem de grãos senhores por ahi afóra, nestes zabumbados dias de carnaval.

*

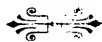
... E alguns se convencem mesmo de que são poderosos principes e reis, apesar da desvalorização da especie e do bombo do Zé Pereira...

—Uns imbecis—dirão.

Mas, se ser imbecil é ser alegre, nadar em jubilo, vêr tudo azul e luminoso, a velha humanidade arregaçando a anagua num pincho endiabrado,—hurrah! por ti, rainha das rainhas, victoriosa e eterna, hurrah por ti, ó invencivel Imbecilidade Humana!

*

E o cachimbo do professor Trindade?

Mas, afinal de contas, que tenho eu com isto?

XV

ELLE vem a mim: suas mãozinhas ageis e finas alizam-me o bigode, encaracolam-me os cabellos, cerram-me os olhos, acarinham-me as enxundias faciaes... De repente, seus dedinhos rapidos me estoquêam as ventas: eu espirro com escandalo e furor; elle estremece de susto, baixa a pupilla brilhante, espalma as mãozinhas sobre a cara reluzente e chora e soluça...

Vive ha um biennio, passado na alegria das frondes verdes e nos rumores continuos e cabulosos da civilisação e, naquella edade ridiculissima, já demonstra predilecções pelos papeis impressos: é assim que *O Malho* e o *Correio da Europa*, á falta d'*O Jornal Illustrado*, do sr. Pessanha, o deliciam mais do que o *Jornal do Commercio*, do sr. Rodrigues, e *Il Bersagliere*, de que são correspondentes litterarios e artisticos em Belém o sumptuoso Faciola e o sr. Joaquim.

E' exacto tambem que, naquella edade, elle ainda não exprime coisas de valia e facil entendimento, como, segundo me parece, aconteceu ao sr. Voltaire; aclaram-lhe, porém, o complicado do dizer as expressões maravilhosas do olhar, tres vezes mais agudo que o de Pedr'Alvares, mais penetrante que o do sr. Darwin, mais fino que o das mulheres e dos mucuins e mais profundo que o do sr. Augusto Comte e o dos tubarões.

Falam de tudo aquelles olhos, ora vivazes e inquietos, irradiando alegrias dignas, ora tristes e contemplativos, tonalizados de saudade, seguindo melancholicamente uns trapos de nuvens brancas muito altas no céo, e que eu revejo agora, atravéz das vidraças resplandecentes d'este palacete onde moro, propriedade do sr. Magalhães Pimenta.

*
* *

No meu fraco entender, se aninham naquelle cerebro microbios de todas as futuras maravilhas em sciencia e arte. D'alli brotarão, de certo, as ultimas theorias gloriosas sobre o *habeas-corpus* e o regimento de custas; a nova hélice para a dirigibilidade dos balões; a explicação decisiva dos phenomenos espiritas; os modelos para caixas de phosphoros; a cura da grippe (ou *graipe*, como dizem outros); a navegação fluvial; as torpedeiras aéreas que os jornaes nort'americanos querem á fina força que o sr. Edison invente. Brotarão ainda d'aquelle cerebro: as regras para aperfeiçoamento do estylo do sr. Julio Lacerda; o chôpe verde; a nova arte de metrificar, em substituição a dos srs. Castilho e barão de Paranapiacaba; d'alli sahirá, finalmente, zumbindo como um bezoiro, uma nova eschola poetica — rasgo d'arromba e atrevimento — de que será continuador glorioso o sr. Almeirindo Bahia.

E as ternuras d'aquella alma, o quilate d'aquelle coração amicissimo de creanças e bananas?

*
* *

... E elle vem a mim: suas mãozinhas ageis e finas alizam-me o bigode, encaracolam-me os cabellos, cerram-me os olhos, acarinham-me as enxundias faciaes, fazem-me espirrar, e logo elle chora e soluça, espalmando as mãozinhas sobre a cara reluzente...

*
* *

E' assim o meu querido Cipriano, macaco de minh'alma e d'uma figa.

*
* *

Na berlinda.

Cada qual, marmanjo ou dama, escrevia sua protervia contra um infeliz.

Uma joven, porém, em vez de o desancar, graphou simplesmente as iniciaes *H. C....*

Terminada a brincadeira, o nosso camarada pede á pequena o favor de desembrulhar aquillo.

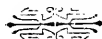
—Pois o senhor não comprehendeu?

—Francamente, não. *H. C....*

—Ora essa! *H. C.* quer dizer *hanjo cimpathico*— explicou ella toda não me toques.

Quem me contou isto foi o sr. Benjamin Lamarão.

Mas, afinal de contas, que tenho eu com isto?

XVI

Ao contrario da população belemense e principalmente do sr. dr. J. Bricio, que não larga de unha o seu implacavel fueiro, dia e noite brandido, adoro a Pará Electric. Desadoral-a, nunca!

E' uma companhia philosophica. Tivessem todos o seu pensar e o seu sangue ou chupassem o mesmo cachimbo, certo recuariam até á velha e impagavel noite dos tempos as chamadas neurasthenias, as tragedias hepaticas, o sr. Ravarin, o *foot-ball* e as dysenterias do sr. dr. Lobão.

Aquillo, a Pará Electric Railway and Lighting Company, Limited, é nem mais nem menos que um seio de Abraham. Residam entre as espinhas das pilecas somnambulas ou dentro das coiraças majestosas dos bifes, as almas alli desfructam ineditos prazeres, umas no goso espivitante do *whisky*, outras na ventura maxima d'um mólho de capim tenro,—numa absoluta despreoccupação da multa, da lambada e de mister Kilometro, o bife por excellencia, o bife a cavallo.

Aquillo é assim. Ha tabaco para as cachimbadas? Ha *whisky?* Ha um mólho de capim fresco? Correm os arames? Viva!

Se, não obstante o fundo philosophico, as azemolas, nos momentos solennissimos das tacadas, cavam uma fibrinha de energia, e os arreios — ferros e coiros velhos, em petição de miseria — lhes caem ás patas no meio da rua, — corda com elles, seu chefe! E, emquanto o conductor, de bicuda descascada, fura aqui, corta alli e, por fim, amarra, ata, desata, mordendo indignações: — Isto só pulo diabo! Diabos té leve, damnados do diabo! — os passageiros, que não quizerem dormir, têm tempo de tomar chôpes, fumar duzias de charutos e até — porque não? — de ouvir a *historia completa de Humaytá* e lêr todos os classicos e a polemica dysenterica que escorreu pelas columnas d'*A Folha*, ao tempo em que monsenhor Mancio, de bacamarte apontado para a França gloriosa do sr. Donnet, discutia, furiosamente, direito internacional. *Dominus tecum!*

*
* *

Avivam-se palestras na caranguejola; descutem-se as novidades do dia, fazem-se apresentações; os chefes de familia referem casos de grippe nos pirralhos, exaltam as mézinhas milagrosas e confidenciam: «Isto de medico, seu compadre, é uma historia. Lá em casa é chá de sabugueiro e aconito! E' isto! Nada de xaropes!»

Rapazes mettidos a sebo retorcem cruelmente as guias do bigode, espiolhando as pequenas. Uma, de dentes lindos e brilhantes, ri a proposito de tudo; outra, de *mobilia* estragada, aperta os labios ou disfarça o desastre com o leque, que funcciona a todo instante. Passam senhoras e senhores carregados de embrulhos.

—O' Pinto, ha logar aqui.
—Obrigado, vou a pé.
—Onde estás morando?
—No Marco. Se queres um chôpe, desce.
—Vamos lá. Temos tempo.

Quem se esqueceu d'um objecto qualquer, no escriptorio, na barbearia, a bordo, no Manduca, na Perfumaria, vae buscal-o e volta tranquillamente. A caranguejola ainda está alli.

O passageiro que bebeu chôpe arrisca uma piada.

—Se não qué isperá, vá cum sua pata! — berra o cocheiro, de olho duro, furando com a *pajehú* respeitavel um pedaço de coiro...

Na Pará Electric, sómente os cocheiros não são philosophos. A razão? Naturalmente a irregular pratica da vida.

*
* *

Ora, o sr. Salustiano tem o seu medico de confiança, o dr. Pechincha, que mora para as bandas pittorescas do Umarizal e ainda não é senhor e possuidor de automovel nem de carro. Philosophia.

Salustiano manda chamal-o; o caso é carrancudo: sua cara metade vae esticar.

O esculapio tomou um bonde... e chegou

—A's suas ordens, meu caro.
—Oh, meu doutor!
—Pelos seus ares vejo que não ha novidade.
—Hein? Novidade?
—Hom'essa! E a doente? você não me mandou chamar...
—Ah! sim! Mas isso... foi p'ra Quinota....
—E então?
—Ora, ora, ora! Quinota já é com Deus, homem!
—Morreu!...
—Oleps! E eu já estou casado pela terceira

vez! Ouviu? Pela terceira vez. Hom'essa! Diga-me uma coisa: você veiu a bonde?

—Do Umarizal.

—Então, é isso mesmo.

***

Um d'esses dias, passageiros esquentados rosnavam desejos de virar uma das réles traquitanas. O conductor gaguejou o facto a um dos da *Company*.

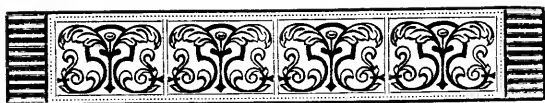
O bife soprou umas fumaças do cachimbo e, sem olhar para o conductor:

—Vira bonde, vossemecê bota de novo nos trilhas; quebra bonde, vossemecê concerta; burra morre, vossemecê enterra burra; pova fala, vossemecê nô escuta.

—Tá muito dereito, sim sinhô. E se me dere bordoada?

—Vossemecê bêbe *whisky;* se morre, tem outra conductor... Muitas pretas Barbados, muita!...

E' uma companhia philosophica. Tivessem todos o seu pensar e o seu sangue ou chupassem o mesmo cachimbo (não é o do professor Trindade), certo recuariam para a noite dos tempos as chamadas neurasthenias, as tragedias hepaticas, o sr. Ravarin, o *foot-ball* e as dysenterias do sr. dr. Lobão.

Mas, afinal de contas, que tenho eu com isto?

XVII

ARTE, um tanto rasteira, de temperar revistas theatraes, afigura-se, ao primeiro vêr, coisa sem complicações, tão facil como o sr. Kilometro, esticado no seu cavallicoque, gadanhar urubús a dez mil metros d'altura. Pois não o é, para mim, apesar das razões contrarias, declamadas por eximios revisteiros e comediographos paraenses, d'entre os quaes ordena a excelsa justiça que dê um passo á frente esse modesto e talentoso sr. Canedo, consciencioso rival de Arthur Azevedo e Beaumarchais.

*

Parece que, em a gente cavando uma duzia de scenas vivas, alegres pelo bom estimulo d'um poucochinho de malagueta e sal, ao sabôr d'aquelles adoraveis senhores que applaudem com os pés,—teremos prompta a futrica, não é assim? Pois não é.

Eu, não sei porque pendores malsinados, já me arrojei á protervia de tramar revistas. A primeira foi *O Acre*, de bem desagradavel

memoria para mim, para o brilhante co-auctor, sr. dr. Tito Franco, e para esse generoso e fidalgo Assis Pacheco, o afinado miolo e a gloria unica da companhia do sr. Silva Pinto.

A revista foi lida, certa manhã, no Polytheama.

O primeiro acto, do Tito, provocou sinceros applausos ao sr. Silva Pinto e á correcta assistencia — o Assis, o vaporoso sr. Edmundo Silva, Constantino Wan-Meyl, João Paiva e mais dois cavalheiros amarellos e um cachorro felpudo, de guizos, que não se manifestou.

Leu-se parte do segundo acto, o meu. Entrava em scena o governador do Amazonas. S. exc. tem na face bella o mesmo signal que orna a venta do meu fulgurante collega Reis Carvalho — uma verruga bem creada e cabelluda. Era naturalissimo, portanto, — e mesmo dos livros, — que o sr. dr. governador do Amazonas, n'*O Acre*, não abrisse mão de sua verruga caracteristica; vae, porém, o sr. Silva Pinto e, abrasado em zelos pharisaicos, extrae a verruga do homem.

— Porque?

E o sr. Pinto distende, dilata, contrae, retorce, abre em parenthesis incriveis a sua linda bôcca de arraia e mastiga isto: — «A suppressão da verruga de s. exc. é uma demonstração de respeito aos poderes constituidos.»

E assim, na revista *O Acre*, desappareceu da face de s. exc. o exotico *distinctivo*.

*

A propria companhia, em seus programmas, annunciou que a mafaldada peça estava em ensaios.

Pois sim. Ao fim de tres dias, o sr. Pinto, temendo ser escorraçado pelo governo do Amazonas, que lhe deve cobres avultados, disse-me, todo se torcendo e coçando a cabeça genial:

— Sabe? Os meus artistas não gostaram da revista: acham-na muito livre... As artistas coraram...

Respondi em cima da bucha. Nessa resposta havia alfinetes, pregos velhos, metralhas, pimentas e lacraus.

Eu, nem á força de pau, podia tomar a sério a pudicicia melindrosa do sr. Edmundo e a virgindade da senhora Medina de Souza...

Morreu *O Acre*.

*

Approximou-se a festa de Nazareth. Um senhor, muito conhecido em Belem pelas suas iniciativas felizes, encommendou-me uma revista em um acto: tempo de representação, meia hora; mulheres, duas; artistas machos parece que dois e meio; scenario — trecho do Ver-o-Peso pintado na Europa.

Escrevi a pecinha. Copiou-a o Condurú, que a julgou uma incomparavel obra d'arte, maravilha de fina graça e de «talento superior».

O homenzinho da encommenda ouviu a leitura em companhia d'um cavalheiro silencioso, que elle não me apresentou, mas devia ser algum membro da Academia Franceza, immortal viajando incognito.

A revistinha, *O Pessoal d'Arrelia*, não agradou ao homem da encommenda.

— Porque?

Simplesmente por isto:

O Pessoal d'Arrelia, envolto numa capa egual a do coronel Soares, encontra um vagabundo a quem persegue tenazmente

VAGABUNDO, *que o conhece pela pinta:* — Mas, afinar de conta, quem sois tu, qui nas Pedreira de Santa Luzia é Jiróime Capenga; no Umarizá é Zé da Véia; no Maico da Legua é João Cachimbo; no Porto do Sá é Chico Istrallo; no Pinheiro é Mané Rodinha; no *Ver-de-Peso* é Tributino...

PESSOAL, *a passos graves, traçando a capa sinistramente:* Do mião de nomes qui pissuo chega um só p'ra t'iscangaiá... Hydra!! *(Rugindo).* Eu, eu... sô o Çondes de Montes-Christo da companhia de *seu* Sirva Pinto!

VAGABUNDO, *correndo assombrado:* — Uai, mamãe! Uai, mamãe!

(O Pessoal tira de sob a capa o violão, dedilha-o e canta, sahindo):

Não uieis para as sombra qui passa,
Quero triste vivê elmo é só...

*

O senhor da encommenda é um profundo admirador do sr. Conde de Monte-Christo.

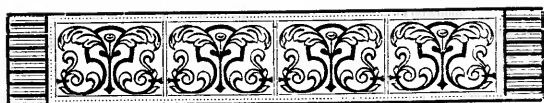
*

A arte, um tanto rasteira, de temperar revistas, é bem difficil, principalmente quando certos senhores...

*

Que os persiga a banda de musica allemã!

*

Mas, afinal de contas, será possivel que eu nada tenha com isto?

TRES LINHAS

Como o automovel, o **foot-ball**, *o* **whisky** *e os desfalques, estão em moda triumphante a pinça grammatical e o Olho philologico.*

Contra Este eu podia architectar periodos de mostarda,—sinapismos ardentes e dolorosos.

Não o faço, entretanto: peço-Lhe sómente que, se lobrigar neste livro um pronome anarchista, um adjectivo acrobata, uma preposição hysterica, um substantivo capenga, um verbo malandro, um adverbio zarôlho, uma phrase anemica, um **limpido** *com dois* **dd**, *um* **chapéo** *com* **x** *e* **u**, *um* **céo** *com* **s**, *um* **piolho** *com* **phy**, *um* **i** *em vez de* **y**, *umas* **batatas** *com* **c** *cedilhado, uma* **circumstancia**, *um* **restar**, *um* **restituir**, *um* **retrospectivamente**, *etc., etc., imprudentemente apartados—isto é—com os senhores prefixos grudados aos senhores* **ss** *(grave!)—não fulmine o revisor, que é um sabio: caia feroz, de rijo, na minha laureada ignorancia... e vamos a um capilé, sr. dr. Laudelino!...*

João do Canto.

Meu caro Abreu—

Agradeço-lhe e ao bizarro velho Mattos a paciencia evangelica que commigo gastaram, attendendo solicitamente ás minhas continuas amolações de revisor.

Apesar d'isso, apesar d'eu me armar até de vidros grados, para melhor vêr e corrigir— observei, ao fazer a leitura final dos **Minutos Alegres**, *alguns «gatos», e gordos, devidos exclusivamente á minha triste incapacidade para rever coisas que me escorrem da grosseira penna.*

«Paginas—19, leia-se:... vive bem, á parte... 36:... baixando mais a cabecita de sururina, gemeu:—Foi seu Zé Calteiro—Quem? Fala arto, demonho!—Foi seu Zé Calteiro...; 39:... que o internasse...; 40:... ruge a revolução no Rio; ha crise no ministerio...; 51:... com um estalo...; 85:... tambem... aos philologos...»; ...por alli a fóra...

O mais, como a tal historia da collocação de pronomes, não tem importancia.

E fica sabido que eu escreverei até morrer —«num», «naquelle», «chope», «bonde», sem temer caretas.

Acceite, meu caro Abreu, minhas saudações pelo seu talento artistico, tantas vezes revelado, e transmitta ao velho Mattos os meus emboras cordiaes pelo muito que elle sabe de classicos e de typos.

Ex-corde,

João do Canto.

Minutos Alegres
(CHRONICAS)
RUDOLF R. SCHULLER